

Vida

# Anthony Campolo

É SEXTA-FEIRA,  
◆ MAS O ◆  
DOMINGO VEM AÍ

**É SEXTA - FEIRA,**  
**◆ MAS O ◆**  
**DOMINGO VEM AÍ**

---

Anthony Campolo

Digitalizado Por:

**Pregador Jovem**



ISBN 0-8297-1739-0

Categoria: Vida Cristã

Título do original em inglês:

It's Friday, but Sunday's Comin'

© 1984 por Anthony Campolo

© 1994 por Editora Vida

Traduzido por Oswaldo Ramos

Todos os direitos reservados na língua portuguesa por Editora Vida, Deerfield, Florida 33442-8134 — E. U. A.

As citações bíblicas foram extraídas da Edição Contemporânea da Tradução de João Ferreira de Almeida, publicada pela Editora Vida, salvo onde outra fonte for indicada.

Capa: Gustavo A. Camacho

A Robert e Winifred Davidson,  
sogros amorosos,  
modelos de serviço cristão

# ***ÍNDICE***

## **CAPÍTULO UM**

Uma declaração muito, muito breve acerca do  
propósito deste livro muito breve

## **CAPÍTULO DOIS**

Jesus soluciona a nossa necessidade de saúde  
psicológica e bem-estar emocional

## **CAPÍTULO TRÊS**

Jesus satisfaz a nossa necessidade de senso de valor  
próprio e mérito

## **CAPÍTULO QUATRO**

Jesus soluciona a nossa necessidade de amor

## **CAPÍTULO CINCO**

Jesus satisfaz a nossa necessidade de milagre

## **CAPÍTULO SEIS**

Jesus satisfaz a nossa necessidade de um propósito de vida

## **CAPÍTULO SETE**

Jesus satisfaz a nossa necessidade de esperança

## **CAPÍTULO UM**

### ***Uma Declaração Muito, Muito Breve Acerca do Propósito Deste Livro Muito Breve***

Gosto do versículo bíblico do primeiro capítulo de Romanos que diz: "Pois não me envergonho do evangelho" (1:16). Este versículo expressa o que sinto quando considero a obra e a mensagem de Jesus Cristo. Não me envergonho do evangelho de Cristo porque o evangelho de Cristo satisfaz cada necessidade de cada ser humano deste planeta. Espero que você descubra isso. Não importa qual possa vir a ser a sua necessidade, tenho boas novas para você: Jesus pode satisfazer a essa necessidade. Não me envergonho do evangelho de Cristo porque não conheço nenhuma situação ou dificuldade que os seres humanos precisem enfrentar que ofereça problemas para os quais Jesus não tenha resposta. Nos dias de hoje, parece que as pessoas procuraram em toda parte, exceto em Jesus, a satisfação de suas necessidades e a resposta às suas perguntas. Tentarei mostrar, neste breve livro, algumas maneiras pelas quais Jesus satisfaz algumas das mais importantes necessidades da existência humana.

O que escrevi é extraído de material que originalmente fazia parte de um filme intitulado *É sexta-feira, mas o domingo vem aí*. A maior parte deste livro foi originalmente material falado. Quando você o ler, gostaria que não se esquecesse desse fato. Melhor ainda, imagine que lhe estou falando em vez de escrevendo.

## CAPÍTULO DOIS

### **Jesus Soluciona a Nossa Necessidade de Saúde Psicológica e Bem-estar Emocional**

Sou sociólogo por profissão, e posso comprovar o fato de que uma das tendências mais comuns hoje em dia é a de pessoas perturbadas se voltarem para psicólogos e sociólogos em busca de ajuda. Um número cada vez maior de pessoas acredita que a ciência social pode solucionar seus problemas. Se você se deixou enredar nessa mania, tenho más notícias para você: a maneira científico-social de solucionar problemas não é um sucesso tão grande quanto você possa pensar. Aqueles que a experimentam freqüentemente descobrem que ela não corresponde às suas expectativas.

Um dos estudos de avaliação mais significativos do tratamento de pessoas emocionalmente perturbadas, realizado por Hans Eysenck, mostra que se você tiver problemas psicológicos, os psicanalistas e psicoterapeutas podem não oferecer-lhe muita ajuda. Entre aqueles que procuram os psicanalistas, relata Eysenck, 44 por cento tornam-se saudáveis em um ano. Entre os que procuram os psicoterapeutas, 53 por cento saram dentro de um ano. Entre aqueles que procuram os psiquiatras, cerca de 61 por cento tornam-se saudáveis dentro de um ano. Contudo, entre aqueles que estão emocionalmente perturbados e não procuram nenhuma ajuda profissional, 73 por cento saram dentro de um ano.

Esses resultados me assustam. Não sei se as estatísticas o surpreendem tanto quanto me surpreenderam, mas percebi que estava a questionar se os psicanalistas e psicoterapeutas profissionais ajudam as pessoas ou as fazem piorar. Parece que aqueles com quem contamos para nos ajudar quando estamos psicológica e emocionalmente perturbados aparentemente estão-nos mantendo doentes.

Quantas das pessoas que você conhece e que procuram aconselhamento profissional por parte de psicanalistas e terapeutas parecem nunca terminar o aconselhamento? Cinco ou seis anos após começarem a consultar analistas ou terapeutas, elas ainda estão pagando

o preço de meia hora uma vez por semana para tratamento e mostrando muito poucos sinais de melhora. Se perguntar por quê, você pode encontrar a resposta no fato de os cientistas sociais freqüentemente terem sido propensos a ignorar os princípios básicos do evangelho.

Em primeiro lugar, os conselheiros às vezes cometem o erro de atribuir todas as nossas dificuldades emocionais e psicológicas a eventos e traumas ocorridos no passado. Eles geralmente tentam descobrir o que existe nos antecedentes da pessoa e que fez dela o tipo de indivíduo que é no presente. Para muitos conselheiros, o histórico do indivíduo supostamente fornece todas as informações necessárias para compreender-se os problemas da pessoa. Conheço diversos psicólogos, particularmente aqueles que se intitulam behavioristas, os defensores do que eles chamam de "modelos de modificação comportamental", que aderem a esse estilo de pensamento. Eles estão certos de que os seres humanos nada mais são do que criaturas socialmente condicionadas, cujo futuro foi pré-determinado por seu passado. Psicanalistas neofreudianos são quase tão ruins quanto os behavioristas, pois eles também colocam demasiada ênfase na maneira pela qual o passado do indivíduo controla o seu destino.

Quando eu era professor universitário, havia um colega meu fortemente envolvido com essa maneira de pensar. Podia-se contar com ele para explicar todos os problemas pessoais como sendo o resultado de treinamento deficiente no uso do peniquinho. Eu gostava muito de assistir sorrateiramente às suas palestras e ouvi-lo explicar suas teorias aos alunos. Ele era professor brilhante, e acho que há poucas coisas mais divertidas do que ouvir uma pessoa tão inteligente articular idéias obtusas.

Para ele, tudo a respeito de alguém era resultado de treinamento no uso do peniquinho. Quando fazia as palestras, ele demonstrava o que dizia com todo o entusiasmo e zelo de um evangelista batista. Dizia: "Alunos, a primeira exigência que a sociedade faz sobre o indivíduo vem com o treinamento para usar o peniquinho. O que acontece nesse treinamento precede todas as exigências que a sociedade fará sobre a pessoa. Por favor, entendam que o treinamento para uso do peniquinho é a primeira



coisa que a sociedade exige de qualquer um. A mãe é a comunicadora dessas exigências. Considerem como ela pleiteia o cumprimento das expectativas sociais, como implora à criança, e pede: 'Faça isso pela mamãe! Faça isso pela mamãe!'

"Entretanto, a criança às vezes resiste aos apelos da mãe. Ela pode rebelar-se contra os desejos daquela, e quando isso acontece a rebeldia social se origina no infante. A criança pode dizer desafiadoramente: 'Não!' Se a mãe for firme e estável, pode ser que exija: 'Você fica aí até que alguma coisa aconteça!' A criança fica ali. Ela se esforça. Ela se esforça bastante. Dedica à tarefa tudo o que tem e então, após longo período, consegue e finalmente produz a dádiva que a sociedade implorou." (Devo admitir que jamais ouvi isso ser chamado de "dádiva" antes.)

O palestrante chegou ao auge do absurdo quando bradou aos alunos: "Pergunto a vocês, o que faz a sociedade com essa dádiva que a criança produziu por ela? O que faz com o resultado da labuta da criança? A sociedade o preserva? A sociedade o respeita? A sociedade o vê como um símbolo da façanha da criança? Não! A sociedade lhe dá descarga. Naquele lugar e naquele momento, a criança aprende que o que ela produz para a sociedade não tem significado permanente, não tem importância contínua."

Você pode rir de tudo isso, mas aquele professor falava sério.

O passado realmente determina quem somos e o que somos? Os processos da infância, tais como aprender a usar o peniquinho, realmente predestinam o nosso comportamento futuro? Nada somos além de cães pavlovianos condicionados a reagir a estímulos específicos de maneira específica? Somos simplesmente produto de nossos ambientes e condicionamento?

Acho que não! Ademais, é muito importante reconhecer que o evangelho não afirma tal conceito. A Bíblia não ensina que o passado determina o que somos; de fato, a Bíblia ensina algo radicalmente diverso. Segundo as Escrituras, o futuro contém as indicações de quem somos e o que somos no presente. O futuro, não o passado, é considerado a dimensão mais importante da personalidade humana. Quem acredita na

Bíblia não fica satisfeito ao perguntar: "De onde vim?" Para o cristão, a pergunta mais importante é: "Aonde estou indo?"

A Bíblia ensina que o passado ou os antecedentes não são a coisa mais importante a respeito da pessoa. Antes, como o cristão sabe, a coisa mais importante acerca de um indivíduo é aonde aquela pessoa está indo e que futuro ela escolhe.

Já tive alunos que, confusos e emocionalmente atrapalhados, vieram ao meu escritório. Estavam indecisos;

repetiam de ano; abandonavam os estudos. Com grande freqüência, suas tristes circunstâncias eram basicamente o resultado de não estarem indo a parte alguma. Não tinham objetivos. Não tinham aspirações. A vida deles não tinha propósito, e eles não conseguiam imaginar um significado desejável para a existência. Seu futuro estava destituído de esperança.

Descobri que se eu pudesse levar tais alunos a se "ligarem" a certos belos objetivos, se pudesse fazer com que acreditassem que a vida podia ter um propósito magnífico, eles freqüentemente dariam uma volta completa e quase de imediato endireitariam. Tenho tido a alegria de observar tais jovens se transformarem de pessoas letárgicas e maçantes em pessoas com personalidades dinâmicas, que possuem integridade pessoal e que se movem rumo a jubilosa realização. Estou certo de que você, por sua própria experiência, pode citar casos de pessoas confusas, perturbadas e emocionalmente desequilibradas, mas que se tornaram felizes e bem integradas quando tomaram a decisão de se dedicarem a tornar-se novas pessoas. Há muitas evidências confirmando a tese de que somos fortemente dependentes daquilo que escolhemos tornar-nos. Estas são as boas novas (é o que a palavra evangelho significa). Não somos criaturas pré-determinadas. Podemos tomar decisões que modifiquem o nosso comportamento e façam de nós novas criaturas.

Em última instância, o cristão é alguém que deseja tornar-se uma nova pessoa, e que percebe que isso é possível mediante a entrega de sua vida a Cristo e de dispor-se a tornar-se qualquer coisa que Cristo deseje que ela seja.

Quando a pessoa se entrega de modo tão completo a Cristo, Deus enviará o seu Espírito Santo a fim de fortalecê-la e capacitá-la a levar a efeito essa entrega. As pessoas que resolvem tornar-se o que Jesus quer que sejam recebem o poder de tornar-se novas criaturas. A Bíblia ensina:

Portanto, se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram, tudo se fez novo.

2 Coríntios 5:17

Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque assim como é, o veremos.

1 João 3:2

Desejo deixar claro que não sou contra conselheiros. A Bíblia ensina claramente que o aconselhamento é um dom que o Espírito Santo dá a certas pessoas a fim de elas poderem "edificar" e "levantar" os que precisam de ajuda. O que me preocupa é o fato de um número excessivo de conselheiros operar sobre princípios e suposições acerca da personalidade humana contrários àqueles delineados nas Escrituras. Se o conselheiro acreditar que as pessoas podem tomar decisões com o potencial de transformá-las em novas criaturas, brado: "Viva!" Mas quando o aconselhamento se torna nada mais do que um análise do passado na crença de que a percepção dos fatores que condicionam a personalidade atual da pessoa a levará à saúde e à felicidade, protesto.

Não estou sugerindo que o passado não influencia quem a pessoa é. Estou apenas sugerindo que o passado não determina quem a pessoa é. Estou convencido de que o passado influencia as opções dentre as quais alguém pode escolher o seu destino. É óbvio que os antecedentes e histórico pessoal individual limitam o que qualquer um de nós se torna. Mas não importa quais possam ser os nossos antecedentes, todos temos opções. Há sempre alternativas que podemos escolher. Em última instância, somos criaturas com poder de decisão e com a liberdade dada por Deus de determinar o nosso futuro.

A maioria das pessoas que procura conselheiros já sabe o que precisa fazer para endireitar a vida. O conselheiro pode ajudar tais pessoas a enxergarem suas opções mais claramente, mas no fim o bom conselheiro fará o indivíduo perceber ser ele próprio a única pessoa com capacidade de tomar as decisões que transformarão desespero em esperança, tristeza em gozo, confusão em paz.

Por exemplo, quando um homem vem ao meu escritório e brada: "Oh, Dr. Campolo, não sei o que fazer. Minha vida está uma bagunça", pergunto, da maneira mais profissional que conheço: "O que há? O que aconteceu?"

Ele responde:

— Sou casado com uma esposa adorável, mas ao mesmo tempo estou envolvido sexualmente com minha secretária. Amo ambas, e não acho que exista um jeito de sair desse apuro. Estou vivendo no inferno.

Eu respondo, dizendo:

— Não é difícil resolver esse problema. Você tem três opções. A primeira opção é você se livrar de sua secretária e ficar com a esposa.

— Não posso fazer isso — diz ele.

— Tudo bem — respondo. — Você pode se livrar de sua esposa e casar-se com a secretária.

— Também não posso fazer isso — argumenta ele.

— Tudo bem! Você pode livrar-se da sua esposa e da sua secretária e começar tudo de novo, do zero.

— Não! Não! — exclama ele — Você não entende!

— Não, você não entende! — replico. — Você só tem três opções. Podemos continuar falando de agora até o

fim do mundo sobre como sua infância miserável o levou a esse tipo de problema. Podemos falar sobre como seu treinamento deficiente no uso do peniquinho criou seu psiquê infeliz. Mas nada dessa conversa

solucionará o seu problema. Você tem uma decisão a tomar, e quanto mais cedo a tomar, mais cedo encontrará paz e libertação da sua ansiedade. Além disso, das três opções que esbocei para você, existe apenas uma que funcionará, e é a de livrar-se da secretária e ficar com a esposa. Se escolher fazer coisa diferente, você não estará fazendo o que Deus requer de você, e ficará bagunçado o resto da vida. Você tem de decidir antes de sair desta sala, e se se recusar a decidir, já terá indiretamente decidido continuar sendo uma pessoa bagunçada.

Esse tipo de conversa dura pode parecer "não profissional", mas já está na hora de pararmos de fazer joguinhos com as pessoas e percebermos que uma das principais razões porque elas estão doentes é por não conseguirem tomar decisões. Mais especificamente, elas não estão dispostas a escolher fazer as coisas que sabem que Jesus gostaria que fizessem. Não estão dispostas a ser o que Jesus deseja que sejam.

Esse pode ser o seu problema hoje. Você pode estar psicológica ou emocionalmente bagunçado simplesmente por se recusar a decidir fazer o que sabe que Jesus espera de você. Seu problema pode residir no fato de você ter sido enganado em pensar que existe alguma alternativa à vontade de Deus que lhe permitirá ser feliz. Talvez você precise perceber que quando chegar a hora em que resolver viver de acordo com a vontade de Deus, então todas as coisas começarão a cooperar para o bem (Romanos 8:28). Talvez você devesse reconhecer que quando decidir a respeito do futuro, você se terá libertado de ser vítima do passado. Deus lhe permite a liberdade de decidir seu destino e, portanto, lhe dá a capacidade de transformar o seu presente. Você precisa tomar certas decisões finais. O futuro deve ser decidido não apenas para esta vida, mas para a vida porvir. Quais serão as suas decisões? Espero que você diga com Josué: "Eu e a minha casa serviremos ao Senhor" (Josué 24:15). Se você se decidir pelo Senhor e escolher viver de acordo com a sua vontade, terá dado importante passo rumo ao bem-estar psicológico e emocional.

## CAPÍTULO TRÊS

### **Jesus Satisfaz Nossa Necessidade de Senso de Valor Próprio e Mérito**

Entre as muitas decisões que temos de tomar, e que determinarão quem e o que somos, está a escolha de quem será a pessoa mais importante em nossa vida. Raramente percebemos que aquilo que somos e o que nos tornamos são, em grande parte, influenciados por quem escolhemos como as pessoas mais importantes em nossa vida.

Charles H. Cooley, um dos mais importantes cientistas sociais modernos e um deão da sociologia norte-americana, desenvolveu o conceito do "ego refletido". Qualquer pessoa que tenha feito pelo menos um curso elementar de sociologia terá travado conhecimento com esse conceito primário da compreensão humana. O postulado de Cooley diz: o autoconceito da pessoa é estabelecido por aquilo que ela pensa que as pessoas mais importantes em sua vida pensam a seu respeito.

Por exemplo, se acredito que a pessoa mais importante da minha vida me acha o sujeito mais bonito da cidade, não demorará muito para eu começar a achar que sou o sujeito mais bonito da cidade. Vocês podem ter dificuldade em acreditar nisso por eu ter queixo duplo e ser careca. Mas a todos vocês que não são carecas digo que não se coloca tampo de mármore em mobília barata. Além disso, eu gostaria de salientar que quando nascemos, recebemos uns tantos hormônios, e se alguns de vocês, meus chapas, querem usar os seus para fazer crescer cabelo, problema seu. Não faz muita diferença se vocês e o resto da minha platéia não acham que sou bonito, porque minha esposa acha, e ela é muito mais importante para mim do que qualquer um de vocês ou qualquer outra pessoa que leia este livro. Ela influencia o que penso a meu respeito mais do que o que acho que vocês acham de mim.

Em nossa mais tenra infância, nossas mães são provavelmente as pessoas mais importantes em nossas vidas. Daí o nosso autoconceito e senso de valor pessoal ser geralmente determinado por aquilo que achamos que nossas mães acham de nós.

Cresci na região oeste da cidade de Filadélfia, onde me sentia em quase absoluta minoria por ser italiano, e naquela região a maioria das pessoas ser de raça judaica ou negra. Conseqüentemente, eu era o garoto de fora. Minhas mais antigas lembranças a respeito da vizinhança dizem respeito às maneiras pelas quais os garotos judeus sempre me espantaram. Eram tão bem-sucedidos e auto-confiantes! Você pode não concordar, mas digo-lhe que os garotos judeus são os mais inteligentes de todos. Da maneira como as coisas me pareciam naquela época, não havia dúvida a respeito. Os garotos judeus eram os mais bem sucedidos na escola.

Mesmo na idade adulta, os judeus parecem ser melhores realizadores e acadêmicos do que o resto de nós. Eles produzem mais prêmios Nobel per capita do que qualquer outro grupo étnico. São pessoas inteligentes de todas as formas. Parecem estar no topo de toda profissão. Se você quiser procurar as razões para esse sucesso e realização, insisto que considere de maneira especial as mães judias. As mães judias têm sido alvo de uma porção de piadas sem graça. Têm sido chamadas de agressivas, prepotentes e muitas outras coisas pouco lisonjeiras.

Mas não aceito esses juízos. Acho que as mães judias estão entre as melhores mães. Seu histórico cultural as treinou para ajudar os filhos a maximizar sua potencialidade. As mães judias são espetaculares. Sua cultura inculcou na maternidade a idéia de que a responsabilidade primária de uma mãe é a de edificar o filho e fazer a criança sentir-se especial. Conseqüentemente, os garotos judeus crescem achando que são maravilhosos.

Havia um garoto judeu chamado Albert Finkelstein que morava na minha vizinhança. Ele geralmente passava para me pegar a caminho da escola. Certo dia, quando estávamos saindo da minha casa, ele disse: "Sabe qual é a diferença entre a minha mãe e a sua mãe? Quando saímos de casa, minha mãe diz: 'Albert, você pegou os seus livros?' e quando saímos da sua casa, sua mãe sempre diz: 'Tony, você pegou o seu almoço?'"

Essa é a diferença. Nós, italianos, ficamos cada vez mais gordos e os judeus cada vez mais inteligentes.

A criança judia típica cresce ouvindo a mãe dizer que ela (a criança) é inteligente, bonita e capaz de fazer grandes coisas. Essa criança pode até acabar repetindo o primeiro ano; isso não faz diferença e não muda a sua opinião. A mãe judia dá de ombros e diz: "Isto mostra que eles não sabem educar um gênio lá naquela escola."

Por a mãe judia achar que seu filho é inteligente e lindo, o filho assimilará essa opinião. Conseqüentemente, a criança começará a pensar a seu próprio respeito da forma como a mãe faz e começará a definir-se como inteligente e linda.

O efeito da auto-imagem positiva criada pela mãe judia vai ainda mais longe. De acordo com as expectativas da maioria dos cientistas sociais, a criança provavelmente se tornará aquilo que julga ser. Alguns psicólogos chamam a isso uma "profecia auto-realizante". Isso significa que se a criança acha que é inteligente e capaz de grandes coisas, provavelmente se tornará uma pessoa inteligente que fará grandes coisas. Se isso for verdade, não admira que os garotos judeus geralmente cresçam para realizar grandes coisas. Eles estão apenas correspondendo às auto-imagens positivas criadas para eles pelos pais.

Acho que seria maravilhoso se todas as mães tirassem uma página do manual das mães judias sobre criação de filhos e fizessem seus filhos se sentirem ótimos com relação a si próprios. Infelizmente, muitos pais arruinam os filhos e impedem que eles realizem sua potencialidade porque os menosprezam constantemente, criticando-os de tal forma que os fazem sentir-se imprestáveis. Alguns pais temem que, se elogiarem os filhos, estes se tornarão egoístas convencidos. Aham que podem conseguir maiores realizações dos filhos se lhes recusarem aprovação do seu trabalho. Infelizmente, o que recusam é a afirmação e o elogio tão essenciais à edificação de auto-imagens positivas para seus filhos. Por quase toda a parte aonde vou, conheço pessoas com autoconceitos péssimos porque seus pais deixaram de levá-las a crer que eram pessoas belas, capazes de grandes coisas.



O princípio do "ego refletido" de Cooley opera em cada fase da vida. Não deixa de operar quando nos tornamos adolescentes ou adultos. Um jovem de minha igreja foi jogar basquetebol sob um dos maiores treinadores dos Estados Unidos. Eu estava muito interessado em descobrir o que havia nesse treinador que o tornava tão especial e capacitava-o a preparar tantas equipes campeãs. Perguntei ao jovem como era jogar sob a direção desse lendário vulto esportivo.

Disse o meu amigo: "Foi incrível jogar para ele. Ele se esforçava constantemente para fazer com que todos os seus jogadores se sentissem bem acerca de si mesmos. Durante o jogo, ele parecia prestar mais atenção aos que estavam na reserva do que aos que jogavam. Sempre conversava conosco, os da reserva, dizendo o quanto éramos importantes e que ótimos jogadores éramos. Toda a vez que alguém perdia uma cesta, ele me cutucava e dizia: 'Se você estivesse lá, teria encestado aquela bola!' Um passe era perdido e ele dizia: 'Você jamais perderia um passe desse jeito.' Uma jogada saía atrapalhada, e ele gritava: 'Oh, como precisamos de um jogador como você nesta partida. É disso que precisamos, precisamos de alguém como você lá na quadra.' Ele continuava dessa maneira durante todo o jogo. Quando chegava o fim do jogo, eu me sentia tão espetacular que nunca me ocorria perguntar: 'Treinador, se sou tão maravilhoso, por que não me coloca para jogar?'"

Meu amigo continuou: "Lembro-me da primeira vez em que entrei em campo num jogo universitário. Era contra o time da universidade do Estado de Michigan. Pensei comigo mesmo se eu estaria nervoso demais para jogar e amedrontado demais para funcionar. Mas quando entrei naquela quadra, senti apenas emoção. Pena. Senti pena dos jogadores da Michigan. Nosso treinador havia feito com que eu e os outros nos tornássemos tão confiantes a nosso próprio respeito e tão convencidos de que éramos os melhores jogadores que jamais haviam colocado os pés numa quadra de basquetebol, que sabíamos que o time de Michigan seria estraçalhado. Percebi que aqueles pobres jogadores de Michigan haviam convidado as mães e as namoradas para o jogo, e ali estávamos nós, prontos para destruí-los. Meus sentimentos se justificaram; foi exatamente o que fizemos. Ganhamos de longe. Joguei bem e com

confiança. Acho que foi porque meu treinador me fez crer que eu era ótimo jogador, e pareceu-me natural jogar bem."

Esse é apenas outro exemplo de como o autoconceito da pessoa e sua capacidade de desempenhar com sucesso são influenciados pelo que ela acha que a pessoa mais importante de sua vida pensa a seu respeito. A auto-imagem positiva que alguém desenvolve em seu relacionamento com a pessoa mais importante de sua vida pode ter efeitos positivos fantásticos. Entretanto, é fácil apontar exemplos nos quais a auto-imagem que o indivíduo assimilou da pessoa que considerava mais importante em sua vida não foi boa. E os efeitos de uma auto-imagem ruim podem ser devastadores.

Certo dia eu estava na praia com a minha esposa, um amigo e a esposa dele. Enquanto estávamos sentados conversando, uma jovem de biquini passou por ali. Meu amigo olhou para ela, cutucou-me e disse: "Ei, Tony, olhe só! Isso é que é um bocado!"

Resisti a um forte impulso de esmurrar-lhe a boca. Zanguei-me com o seu comentário a respeito daquela mulher que era vinte anos mais moça que ele. Senti que, ao dizer: "Isso é que é um bocado", indiretamente ele dizia à esposa quarentona: "Você não é nada."

Você poderia argumentar que a esposa dele talvez não entendesse assim aquele comentário, ao que respondo: "Por que não?" Gostaria de saber como a maioria dos maridos se sentiria se toda a vez que um sujeito jovem e atlético passasse pela rua suas esposas os cutucassem e dissessem: "Oh, puxa, olhe só, olhe aquilo! Gostaria de ter um sujeito com um corpo daqueles!" Acho que a maioria deles ficaria furiosa. Não acho que nós, varões chauvinistas, conseguiríamos suportar esse tipo de afronta.

Incidentalmente, estou convencido de que tais afrontas não tão sutis são responsáveis por muito do adultério que ocorre na sociedade. Se o marido rebaixa a esposa e a faz sentir-se como boboca sem atrativos e desinteressante, ela se torna fácil de seduzir. Tudo o que é preciso para que ela caia numa ligação sexual destrutiva é algum outro homem aparecer e começar a edificá-la e dizer-lhe

que ela é especial, inteligente e atraente. Devido ao seu desejo de estabelecer valor próprio, ela provavelmente será atraída para esse outro homem que lhe fornece auto-imagem positiva. Ela pode facilmente tornar-se a vítima num relacionamento adúltero.

Edificar um ao outro é responsabilidade dada por Deus. A Escritura nos admoesta a entrar num ministério de "edificação", ou levantamento. Esse ministério significa erguer as pessoas que estão por baixo. Quando elas se sentem como nada, devemos fazer que se sintam especiais. Quando se sentem sem valor algum, devemos fazê-las sentir infinitamente preciosas.

Poucos personagens na Bíblia me inspiram tanto quanto Barnabé. Seu nome significa "Filho da Consolação", e certamente esse nome lhe era bem adequado. Ele é mencionado apenas três vezes nas Escrituras, e em cada ocasião está proporcionando encorajamento e apoio aos outros. Ele parece trabalhar constantemente para fazer que as pessoas se sintam bem a seu próprio respeito, e creiam em si próprias.

Primeiro, o encontramos vendendo a sua propriedade a fim de ajudar a igreja a desempenhar a sua missão. Ele acreditava tanto no que a igreja representava que estava disposto a sacrificar tudo o que tinha a fim de encorajá-la a cumprir a sua tarefa. Não havia dúvida de que Barnabé acreditava na igreja. Conseqüentemente, a igreja foi capaz de acreditar em si mesma.

Segundo, descubro Barnabé ajudando a Paulo a ganhar aceitação na comunidade cristã. Por anos Paulo havia sido o líder na perseguição da igreja. Era certo que a igreja o considerava como o seu mais proeminente inimigo. Portanto, quando Paulo passou por sua dramática conversão e tentou entrar para a comunidade dos crentes, os da igreja receberam as novas com alto grau de desconfiança. Mostraram-se compreensivelmente cautelosos em receber seu antigo inimigo como irmão em Cristo. Muitos deles devem ter questionado se Paulo não estava apenas usando a desculpa de uma conversão com o intuito de conseguir penetração no corpo de crentes a fim de espioná-los. Devem ter questionado se esse homem os denunciaria às autoridades ou os marcaria para o martírio. Mas quando ninguém acreditava em Paulo, Barnabé acreditou. Precisamos

todos perguntar-nos se Paulo jamais se teria tornado o grande e autoconfiante líder que foi se Barnabé não o tivesse encorajado e crido nele, e assim permitido a Paulo crer em si mesmo.

Na terceira vez em que encontramos referência a Barnabé nas Escrituras, ei-lo a ajudar um João Marcos quebrantado, desanimado e humilde, a sair de um estado de autodesprezo, encorajando-o a conquistar a grandeza.

Na primeira viagem missionária, Paulo, Barnabé e João Marcos partiram de Antioquia para pregar o evangelho por toda a face do mundo então conhecido. As coisas se tornaram muito difíceis; houve tremenda perseguição. Houve naufrágios; houve enfermidade; houve tanta encrenca que finalmente João Marcos desistiu. Ele não conseguiu dar conta do recado; acovardou-se e voltou a Antioquia como um fracassado e humilhado. De todas as formas João Marcos era uma pessoa derrotada.

Quando Paulo e Barnabé retornaram depois a Antioquia, João Marcos pediu uma segunda chance. Ele pleiteou com seus irmãos cristãos e explicou que se sentia verdadeiramente arrependido do que havia feito. Prometeu ser mais resoluto no futuro. Quase podemos ouvi-lo: "Por favor, Paulo, dê-me outra chance. Leve-me na próxima viagem missionária. Dê-me mais uma oportunidade. Prometo que não o deixarei na mão." Mas Paulo não o fez. O mesmo homem que pôde escrever: "Irmãos, se alguém de vós for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o, com o espírito de brandura; e guarda-te para que não sejas também tentado" (Gálatas 6:1), recusou os apelos do jovem João Marcos. Nesse caso em particular, teríamos de dizer que Paulo não praticou o que pregava. Graças a Deus que Barnabé o fez. Posso até vê-lo colocando o braço em torno de João Marcos e dizendo: "Vamos, não lhe dê ouvidos. Paulo tem uma ponta de mau gênio. Sei que você tem um grande futuro no trabalho do reino de Deus e creio que Deus vai fazer grandes coisas através de você. Se Paulo não o levar na próxima viagem missionária, você e eu iremos juntos e ele pode levar esse novo rapaz, Silas."

E assim foi. Paulo levou Silas, e Barnabé levou João Marcos.

Separaram-se. Barnabé e João Marcos tiveram esplêndido alcance missionário. Historiadores da igreja dizem coisas maravilhosas acerca deles. Mas talvez o mais importante seja que João Marcos mais tarde escreveu para nós um dos quatro evangelhos. Nada disso poderia ter acontecido não fosse Barnabé ser o Filho da Consolação. Marcos teria sido perdido para o trabalho da igreja se Barnabé não o tivesse capacitado a crer em si mesmo e a recobrar o senso de valor próprio.

Quando a Escritura fala de Barnabé, diz-nos: "Porque era homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé. E muita gente se uniu ao Senhor" (Atos 11:24). Não é um belo epitáfio? Você não gostaria de ter isso escrito em sua lápide quando for sepultado? Não existe motivo algum pelo qual essas palavras não devessem estar na sua lápide. Deus o chamou para ser o que Barnabé foi — filho ou filha da consolação, uma pessoa que crie nos outros a capacidade de crerem em si mesmos. Deus deseja que sejamos o tipo de pessoa que faz com que todos os que nos conhecem se sintam gloriosamente maravilhosos, autoconfiantes e preciosos.

Você pode me dizer: "Tony, estou muito disposto a ser um Barnabé para os outros, mas antes de tudo preciso de alguém que seja um Barnabé para mim. Não tenho ninguém que me levante e me faça sentir-me bem a meu próprio respeito. Não existe ninguém em minha vida que realmente creia em mim e me faça sentir-me especial."

A isso posso apenas responder dizendo-lhe que faça de Jesus a pessoa mais importante em sua vida. Lembre-se, seu autoconceito em última instância será determinado pelo que você acha que a pessoa mais importante em sua vida pensa a seu respeito, e se permitir que Jesus se tome a pessoa mais importante em sua vida, você provavelmente desenvolverá uma auto-imagem muito positiva.

Jesus ensina que você deve amá-lo mais do que ama a sua mãe e a seu pai. Ele espera que você o considere tão importante e amoroso que nenhum outro relacionamento possa comparar-se ao que você tem com ele. Você deve estar disposto a dizer nas profundezas do seu ser que ele terá preeminência sobre todos os outros. Você deve estar disposto a dizer: "Porquanto, para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro"

(Filipenses 1:21). Ele o erguerá quando você estiver caído. Ele acredita em você. Ele deseja fazer com que você se sinta especial.

Dizer "Creio em Jesus" não é suficiente. Você deve estar disposto a reconhecê-lo como a pessoa mais importante em sua vida. Deve estar disposto a dizer: "Farei o que ele deseja que eu faça acima de tudo o mais e acima de quaisquer exigências que outros possam colocar sobre mim."

Se você tomar essa decisão, tenho ótimas notícias para você — posso prometer-lhe uma auto-imagem muito positiva. Quando Jesus for a pessoa mais importante de sua vida, você logo começará a definir-se da maneira como Jesus o define. Começará a pensar a seu próprio respeito da mesma forma que ele pensa sobre você. E aqui está mais uma boa notícia: Jesus acha que você é ótimo! Ele acha que você é formidável. Acha, sim.

Diz você: "Não eu, Tony. Você não me conhece ou não conhece o pecado em minha vida. Há coisas que jamais poderei contar-lhe. Se você as conhecesse, seria levado a me considerar com desprezo."

Poderíamos comparar histórias de horror. Você poderia me contar o quanto é corrupto e eu poderia contar-lhe o quanto sou corrupto e poderíamos tentar ver qual de nós é pior. Acabaríamos os dois em desespero. Mas não é isso que Jesus quer que façamos. Ele deseja que nos conscientizemos de que quando o aceitamos como nosso Salvador e Senhor, ficamos diante dele como pessoas perfeitas. Isso mesmo! Quando Jesus olha para mim, ele não vê nada de errado comigo. Nas palavras da Escritura, estou "revestido da sua justiça". A Bíblia diz que meu pecado é apagado. Está enterrado no mar mais profundo; não é mais lembrado.

Outro dia mesmo eu estava lendo o livro de Hebreus e diversas vezes encontrei essa frase: "Seu pecado não é mais lembrado." Na cruz, Jesus tomou o seu e o meu pecado e disse: "É meu." Lá no Calvário, diz a Escritura, "ele, que não conheceu o pecado, fez-se pecado por nós". Se existe alguma doutrina pouco pregada no Novo Testamento é o esquecimento de Deus. Deus se esquece. Ele não apenas enviou o seu Filho para ser castigado pelos nossos pecados. Ele não apenas nos perdoa

os pecados por causa do que seu Filho fez no Calvário, mas Deus se esquece dos pecados que cometemos.

Alegro-me muito por meus pecados não serem lembrados. Eu detestaria ir para o céu caso eles fossem lembrados. E você? Posso até imaginar eu me aproximando do trono de julgamento do Senhor e o Senhor me dizendo: "Campolo, estávamos à sua espera. Pedro! Pegue o livro do Campolo", e Pedro dizendo: "Senhor, não temos um livro, temos uma biblioteca sobre esse sujeito." Não sei se eles de fato têm um livro do Campolo no céu, mas se tiverem e se algum dia o abrirem, apenas coisas boas estarão registradas ali. Se você perguntar a respeito de todas as coisas más que fiz, posso apenas dizer-lhe de novo que elas estão apagadas, enterradas no mar mais profundo, não mais lembradas. Ora, isso é boa notícia e é verdade para você também. Se você permitir que Jesus seja o seu Salvador, ele tomará sobre si os seus pecados e suportará o castigo por eles. Ele lhe perdoará e se esquecerá de que você chegou a pecar algum dia.

Quando eu era garoto na escola bíblica de férias, a professora nos ensinou o significado da palavra "justificação". Ela me explicou que justificação significava co- mo-se-eu-nunca-tivesse-pecado! Anos se passaram desde aquela simples lição bíblica. Li uma porção de livros, estudei a Bíblia nas línguas originais e explorei o significado dessa palavra em discussões com teólogos. Mas depois de tudo dito e feito, tenho de admitir que nada do que jamais ouvi foi melhor do que a declaração simples daquela professora da escola bíblica.

Se Jesus é a pessoa mais importante da sua vida, você está justificado. Isso significa postar-se diante de Deus exatamente como se jamais tivesse pecado. Essa é a incrível boa nova da qual desejo que você se aposse.

E o melhor da história é que Jesus não apenas o vê como sendo justificado; também o vê como tendo tremenda potencialidade. Você pode não achar que pode tornar-se grande coisa, mas ele acha. Você pode não se achar especial, mas ele acha. Usando a linguagem bíblica, você pode tornar-se muito mais do que jamais poderia esperar ou achar. Ele tem grandes esperanças para você e sabe que você está destinado à

grandeza. Ele lhe deu dons que você nem sabe que tem. Ele acredita que você pode realizar mais do que sua mais arrebatada imaginação poderia compreender. Aquele que criou o Universo acha-o formidável. Ele considera você tão precioso que, no que lhe diz respeito, se você fosse a única pessoa a jamais ter vivido aqui, e ninguém mais vivesse depois de você, ele teria estado disposto a morrer só por você.

Não sei o que fazem no céu, mas acho que Deus deve estar agindo igualzinho a um vovô orgulhoso. Sempre que conversa com os arcanjos ele faz comentários sobre você, mostrando-lhes a sua foto na carteira dele e dizendo: "Meu filho não é lindo? Meu filho não é maravilhoso? Sabem, acho que meu filho vai crescer e fazer grandes coisas no mundo." Acho que a pessoa possuidora de complexo de inferioridade não vive num relacionamento pessoal íntimo com Jesus. Como pode alguém supor-se inferior ou insignificante quando o Rei dos reis e Senhor dos senhores declarou essa pessoa como infinitamente preciosa diante dele? Toda vez que alguém se menospreza e diz: "Deus não me ama", tenho vontade de berrar: "Quem você acha que é? O que o faz pensar que é diferente do resto de nós? Se Deus ama cada ser humano infinitamente, então o ama infinitamente. Você não tem o direito de dizer: 'Sou a exceção!'."

Ademais, é arrogância dizer que o que fiz e o que sou é maior do que a capacidade divina de amar. Tudo o que posso dizer é: "De jeito nenhum. Deus ama infinitamente e ao máximo. Ele o ama e acredita em você, mesmo que você se recuse a aceitar essas verdades."

Algumas pessoas na igreja confundem humildade com complexo de inferioridade. Deus espera que sejamos humildes, não que sejamos complexadas. A pessoa que de contínuo diz: "Não presto; há tanto pecado em minha vida que o Senhor jamais me poderá usar; não alcancei o nível de espiritualidade necessário para ser um verdadeiro servo do Senhor", sempre acaba parecendo religioso mesmo que seja de maneira falsa. Ela parece dizer: "Está vendo quanto sou humilde?"

Tenho vontade de responder: "Você parece muito orgulhoso da sua humildade."



Deus não deseja que pratiquemos esse tipo de manipulação. Ele nos convoca a afirmar nossas identidades como filhos dele. Ele deseja que reconheçamos nosso infinito valor para ele.

Fred Craddock, professor do Seminário Teológico Phillips, conta a história de um encontro que lhe causou profunda impressão e que ilustra como a autodefinição de uma pessoa pode mudar quando esta pessoa se conscientiza de ser filha de Deus.

O professor Craddock estava de férias em Gatlinburg, no estado de Tennessee. Ele e a esposa conversavam à mesa num restaurante quando um senhor idoso se aproximou deles e perguntou:

— Como estão passando? Estão-se divertindo? Estão de férias?

— Sim — respondeu o professor. — Estamos de férias e, sim, estamos nos divertindo.

— Que tipo de trabalho faz? — perguntou o senhor idoso.

O professor, querendo livrar-se do velho e retomar a conversa particular com a esposa, respondeu:

— Sou professor de homilética.

Ele estava certo de que um título desses afastaria o indesejável intruso. Mas não.

— Oh, é um pregador! — exclamou o velho. — Deixe-me contar-lhe uma história de pregador.

Parece que todo mundo tem uma história de pregador, e o professor Craddock não queria ouvir outra delas. Mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, o velho havia puxado uma cadeira para perto da mesa e começado a desenrolar o seu conto:

"Nasci como filho ilegítimo. Nunca conheci meu pai e isso foi muito duro para mim. Os meninos na escola tinham nomes pelos quais me chamavam, e caçoavam de mim. Quando eu passava na rua principal de nossa cidadezinha, sentia que as pessoas me encaravam e faziam aquela terrível pergunta: 'Quem será o pai desse menino?' Eu passava muito

tempo sozinho e não tinha amigos. Certo dia um novo pregador veio à cidade e todo o mundo falava dele como um homem bom. Eu nunca tinha ido à igreja antes, mas um domingo achei que deveria ouvi-lo pregar. Era um bom pregador. Continuei voltando.

"Todas as vezes eu ia tarde e saía cedo a fim de não precisar falar com ninguém. Então, um domingo, fiquei tão entretido com a mensagem do pregador que me esqueci de sair, e antes de eu saber o que acontecia, ele deu a bênção e o culto acabou. Tentei deixar a igreja, mas já havia gente aglomerada nos corredores e não consegui passar adiante. De repente, senti uma mão pesada em meu ombro. Quando me volvei, aquele pregador grande e alto me olhava e perguntava: 'Qual o seu nome, menino? De quem você é filho?' Simplesmente tremi quando ele fez aquela pergunta. Mas antes que eu dissesse qualquer coisa, ele disse: 'Sei quem você é. Conheço a sua família. Há uma distinta semelhança familiar. Ora, você é filho. . . você é filho. . . você é filho de Deus!' Sabe, moço, aquelas palavras transformaram a minha vida."

O velho se levantou e saiu, e uma garçonete se aproximou e perguntou:

— Sabe quem é ele?

— Não — respondeu Craddock.

— Ben Hooper. Governador do Tennessee por dois mandatos.

O homem havia aprendido que era filho de Deus, e isso

transformou toda a maneira pela qual ele se via. As opiniões dos outros já não podiam diminuir seu senso de dignidade e valor. Gostaria que todos percebessem que são verdadeiros filhos de Deus e herdeiros do Rei dos reis.

"Mas, a todos os que o receberam, àqueles que crêem no seu nome, deulhes o poder de serem feitos filhos de Deus" (João 1:12).

"Somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo" (Romanos 8:17).

Se você puder apossar-se dessas verdades e aplicá-las à sua vida, jamais terá uma auto-imagem insatisfatória.

Não me envergonho do evangelho de Cristo porque ele satisfaz a minha necessidade de uma auto-imagem positiva. E se você der uma oportunidade a Jesus, o mesmo acontecerá com você. Ele não é um Deus de rebaixamentos. Ele é um Deus que nos levanta e coloca nossos pés sobre rocha sólida, que nos ensina a manter a cabeça erguida, e brada para nós com uma voz que reverbera até os cantos distantes do Universo: "Você é magnífico aos meus olhos."

## **CAPÍTULO QUATRO**

### **Jesus Soluciona a Nossa Necessidade de Amor**

Todos sabem que precisamos de amor. Ninguém duvida de que possuir amor e dar amor é básico para um viver satisfatório. Contudo, poucas pessoas sabem que nossa sociedade faz um conceito errado do amor. A cultura popular, particularmente como mostra a televisão e o cinema, ensina um conceito de romance sentimental que tenta convencer a população de que isso é amor. Na realidade, quando o romance é analisado com cuidado, percebe-se que seu tema é muito distinto de qualquer forma de amor.

Tais romances são egoístas e baseados em si mesmos. Se você quer uma prova disso, olhe a letra das canções populares de amor. Essas letras comprovam o egocentrismo do romance. Ouça-as quando elas vêm pelas ondas do rádio ou via sistema estereofônico. Ouça cuidadosamente quando o "artista" de rock murmura: "Preciso de você — desejo você — não agüento passar sem você, garota." Toda a ênfase da canção está no "eu". A frequência com que as palavras "eu" e "mim" ocorrem é evidência convincente de que toda a emoção descrita nada mais é do que uma viagem do ego. Embora à primeira vista possa parecer que a outra pessoa seja importante, na realidade é a gratificação do ego do amante que tem primazia nas letras das canções populares.

Revendo minha própria vida, posso refletir sobre o egocentrismo de meus relacionamentos românticos. Quando eu era estudante de faculdade, namorei uma garota durante um ano e meio. Após aquele tempo, ela estava cheia de mim e resolveu dar-me o "fora". Como era uma faculdade cristã, acho que terei de referir-me a esse ato como um "fora" santo. O mínimo que se pode dizer é que me senti chateado, nem tanto por eu tê-la perdido, mas porque isso havia sido um golpe para o meu ego. Ela me disse que estava tudo terminado e ainda me lembro de ter-lhe dito: "Você não pode fazer isso comigo. Preciso de você, desejo você, minha vida não teria sentido sem você."

Ela respondeu de maneira despreocupada: "Nossa, que pena!"

Mereci aquela resposta. Afinal, a única razão que lhe dei para continuar comigo era a de servir ao meu próprio interesse.

Eu precisava dela. Eu a desejava. Eu me preocupava com o que ela fazia comigo. Em nenhum dos meus resmungos românticos eu havia dito coisa alguma que expressasse preocupação com ela. Essa é a natureza do romance; ele é egocêntrico. É por isso que uma escritora proeminente no campo de amor e romance assevera que o romance nem mesmo deveria ser chamado de amor.

Em seu livro *Love and Limerence\**, Dorothy Tennov diz que deveríamos usar o termo "limerence" em vez de "amor" quando nos referíssemos a romance. Ela argumenta que limerence é uma emoção tão avassaladora que pode tornar o indivíduo incapaz de funcionar. Pode deixar a pessoa psicologicamente desorientada, destituída de poder de concentração, e em total confusão emocional. Só por ser uma emoção poderosa não significa que o romance deva ser chamado de amor. Tennov diz que o amor é qualitativamente diferente de limerence ou romance.

Segundo 1Coríntios 13, o amor não tem nenhuma das características egocêntricas do romance:

O amor é paciente, é benigno. O amor não inveja, não se vangloria, não se ensoberbece. Não se porta inconvenientemente, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal. O amor não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor nunca falha. Mas havendo profecias, cessarão; havendo línguas, desaparecerão; havendo ciência, passará. (1 Coríntios 13:4-8)

Encontrei, fora da literatura religiosa, muitas outras afirmações que contrastam o amor com o romance. Uma das melhores vem de uma história infantil escrita por Marjorie Williams. Leio uma porção de histórias infantis, provavelmente porque não entendo histórias de gente grande. *The Velveteen Rabbit* (O Coelho de Veludo) tem de ser a minha preferida. Em certo ponto da história, encontra-se uma fascinante discussão entre um coelho e um cavalo de brinquedo. A descrição que o cavalo de

brinquedo faz do relacionamento de amor é tão poderosa que faz com que o romance pareça superficial em comparação.

— O que é Real? — perguntou o Coelho certo dia, quando eles estavam deitados lado a lado perto do protetor da lareira no quarto das crianças, antes que Nana viesse arrumar o aposento.

— Significa ter coisas que zumbem dentro da gente e uma alça saliente?

— Real não é como você é feito — responde o Cavalo de Couro. — É uma coisa que acontece com você. Quando uma criança o ama por muito, muito tempo, não apenas para brincar com você, mas REALMENTE o ama, então você se torna Real.

— E isso dói?

— Às vezes — replicou o Cavalo de Couro, pois ele sempre dizia a verdade. — Mas quando você é real, não se importa de sofrer.

— Acontece de uma só vez, como quando alguém dá corda — perguntou ele — ou aos pouquinhos?

— Não acontece de uma só vez — respondeu o Cavalo de Couro. — Você vai-se tornando. Demora muito tempo. É por isso que não acontece freqüentemente com pessoas que se quebram com facilidade, ou têm beiras afiadas, ou têm de ser guardadas cuidadosamente. Geralmente, quando você se torna Real, a maior parte do seu pelo já foi tirada pelos agrados, e seus olhos caem para fora e você fica frouxo nas juntas e bem surrado. Mas essas coisas não importam de forma alguma, porque quando você é Real, não pode ser feio, exceto para as pessoas que não compreendem.

Eu, como tantos outros norte-americanos, cresci inconsciente da distinção entre amor e romance. Acreditava, como Ezio Pinza na peça musical *South Pacific* (Pacífico Sul), que "certa noite encantada eu conheceria uma estranha do outro lado de um aposento lotado, e de alguma forma eu saberia. . ." Conseqüentemente, passei a maior parte da minha adolescência olhando do outro lado de aposentos lotados. Eu era

apenas mais um norte- americano que havia adquirido a síndrome romântica e perdido a oportunidade de apreciar o significado do amor.

O primeiro problema com o romance é que ele não é muito estável. A pessoa normal tem pelo menos seis experiências românticas antes do casamento. A maioria de nós tem uma atração romântica após a outra. Essas excursões extáticas que fazem nossas cabeças rodar, nossos estômagos doer, e nossos joelhos dobrar, são uma parte esperada do crescimento. É certo que há algumas pessoas com uma magnífica experiência romântica, e afirmam que ela dura a vida toda. Mas essas pessoas são uma raridade. São muito mais raras do que nós, norte-americanos românticos, queremos admitir. Geralmente, somos pessoas que nos apaixonamos e desapaixonamos até chegarmos à idade em que a sociedade diz que devemos nos casar. Nos Estados Unidos, essa idade para os homens é em torno dos vinte e três anos; para as mulheres, em torno dos vinte e um. Geralmente, o que acontece é as pessoas se casarem com seja lá quem for com quem acontecer de estarem envolvidas romanticamente nessas idades que a sociedade prescreve para o casamento.

Isso deixa a maioria dos casados fazendo-me a pergunta: "Está sugerindo que se eu tivesse esperado mais dez anos poderia ter-me casado com outra pessoa que não a com quem me casei?"

Com toda a probabilidade — sim! Nesses dez anos você teria se apaixonado por e desapaixonado de diversos prováveis futuros parceiros. Sem a experiência de viver juntos como cônjuges, você e seu parceiro se teriam desenvolvido e mudado de maneira tão diversa que talvez nem se sentiriam atraídos um pelo outro se se tivessem conhecido uma década mais tarde.

Uma vez que você se case, o romance freqüentemente mostra sinais de rápido declínio. Segundo pesquisa feita pelos sociólogos W. F. Nimkoff e Arthur L. Wood, o romance diminui cerca de 80 por cento em intensidade durante os dois primeiros anos do casamento. Não gostamos de ouvir esse tipo de coisa, e quando faço tais afirmações, é freqüente as

peças gritarem: "Não é verdade! Não é verdade!" Mas é verdade, mesmo quando a maioria das pessoas se recusa a admiti-lo.

Embora tenha acontecido há mais de vinte e cinco anos, lembro-me de dizer à minha futura esposa três semanas antes do casamento: "Pense bem, Peg, mais três semanas e estaremos compartilhando tudo. Compartilharemos as coisas belas; compartilharemos as coisas feias. Compartilharemos as coisas difíceis; compartilharemos as coisas fáceis. Compartilharemos tudo na vida a dois."

Após vinte e cinco anos de casamento, tenho de admitir que quando o meu garoto vomita às três horas da madrugada e minha esposa está limpando a sujeira, não tenho desejo algum de partilhar com ela. Não sei como é com você, mas eu me viro na cama e finjo que ainda durmo. De manhã minha esposa exclama: "Bart passou mal a noite passada!" Respondo com fingida surpresa: "Oh, é mesmo?" Desconfio que minha esposa apronta a mesma coisa comigo quando sou eu que levanto para enfrentar a bagunça.

Existe outra história que posso contar-lhe que servirá de prova do declínio do meu romantismo. (Tenho de admitir que esta é uma das minhas preferidas.) Certa noite, nossa família voltava do estado de New Jersey para o de Pensilvânia. Estávamos atravessando a ponte Walt Whitman para entrar na cidade de Filadélfia quando de repente minha esposa, que havia estado sentada quieta ao meu lado, bradou pateticamente:

— Olhe para nós! Olhe para nós!

— Estou olhando — respondi. — O que há?

Prosseguiu ela:

— Olhe onde você está sentado!

— Estou dirigindo o carro — respondi. — Quando estou dirigindo o carro, acho melhor sentar-me atrás do volante. O que a está chateando?

Ela apontou o carro à nossa frente e disse:



— Olhe para eles! Olhe para eles!

Olhei para o carro à nossa frente e vi que o motorista parecia ter duas cabeças, e percebi o que minha esposa estava pensando. Não disse mais nenhuma palavra, mas atravessei a ponte, entrei na Filadélfia, e dirigi ao longo do rio Schuylkill até encontrar um lugar para estacionar o carro num desses recantos especiais designados para os namorados. Era bem na beira da barranca do rio. Os outros carros que se encontravam por lá estavam indubitavelmente ocupados por pessoas que estavam de "agarrar-agarra". (Não havia jeito de saber porque as janelas daqueles carros estavam todas embaçadas.) Nossos filhos ainda dormiam no banco de trás. Travei as portas do carro, desliguei o motor, acendi as luzes de estacionamento, estendi o braço e agarrei a minha esposa. Quando a puxei na minha direção, virei-a de lado a fim de acomodá-la em meus braços. Infelizmente, ao fazer isso, dei com a cabeça dela no volante.

— O que você está fazendo? — perguntou ela.

Respondi:

— Estou sendo romântico.

— Leve-me para casa — respondeu ela chateada.

— Não consigo acertar — disse eu desanimado. — Se não sou romântico, você chora, e se fico romântico, você se aborrece.

Não me entenda mal. Só porque não sou do tipo arrebatado não significa que eu não a ame. Muito pelo contrário. Amo-a mais hoje do que no dia em que me casei com ela. Além disso, tenho de questionar seriamente se realmente a amava no dia em que me casei com ela. Oh, eu estava todo apaixonado quando ela atravessou a igreja para vir ao meu encontro diante do altar. Mas agora tenho de questionar se todos aqueles sentimentos românticos eram amor.

Não é que eu não entenda o romance ou deixe de apreciar o seu encanto e excitação. Simplesmente que desejo afirmar que o amor vai muito mais ao fundo do que o romance. Além disso, a linguagem bíblica estabelece essa diferença. Ela tem diversas palavras distintas para o amor,

e cada uma delas denota uma experiência emocional diferente. A que chega mais perto do nosso conceito de romance é a palavra grega eros. É a palavra da qual vem a nossa palavra "erótico". A segunda palavra grega para amor é a palavra philos. Este segundo tipo de amor é o que cresce entre duas pessoas dedicadas aos mesmos objetivos e propósitos na vida. É o que emerge entre pessoas que compartilham crenças e interesses comuns. É um amor que vem a existir entre duas pessoas que estabelecem um compromisso comum para suas vidas. O terceiro tipo de amor sobre o qual os gregos falavam é o ágape. Este é um amor especial que cria valor no objeto do amor. Vale a pena analisarmos os dois últimos tipos de amor com certo detalhe.

Platão, o antigo filósofo grego, tinha umas coisas interessantes a dizer a respeito do amor que nos ajudam a entender o significado de philos. Ele pediu que imaginássemos um triângulo. Ao longo da base desse triângulo imaginário, ele sugeriu que arrumássemos todas as coisas da vida que achamos significativas e importantes. À medida que a base do triângulo se for movendo na direção do vértice, disse ele, ela se tornará cada vez menor, deixando espaço para um número cada vez menor de coisas. Deixaremos cair as coisas menos importantes para nós e nos agarraremos às que consideramos mais importantes. Finalmente, quando o vértice do triângulo for alcançado, existirá lugar para apenas uma coisa. Platão perguntava: "Qual é a coisa à qual se agarrará depois de ter sacrificado tudo o mais?"

Se você for cristão, terá de responder: "Jesus!" Ser cristão não é simplesmente acreditar em Jesus. É ser capaz de dizer: "Uma coisa faço: deixando de lado tudo mais, dar-me-ei a Jesus; agarrar-me-ei com ele, mesmo que tudo o mais tenha de ser sacrificado."

Sempre que tal declaração de fé é feita, aqueles que não compreendem a natureza do compromisso cristão perguntarão: "E o seu marido?" ou: "E a sua esposa?" Minha resposta é que o cristão coloca Cristo primeiro. É isso o que significa ser cristão. É por isso que Jesus disse aos discípulos: "A menos que vocês me amem mais do que à sua mãe e a seu pai, não são dignos de mim."

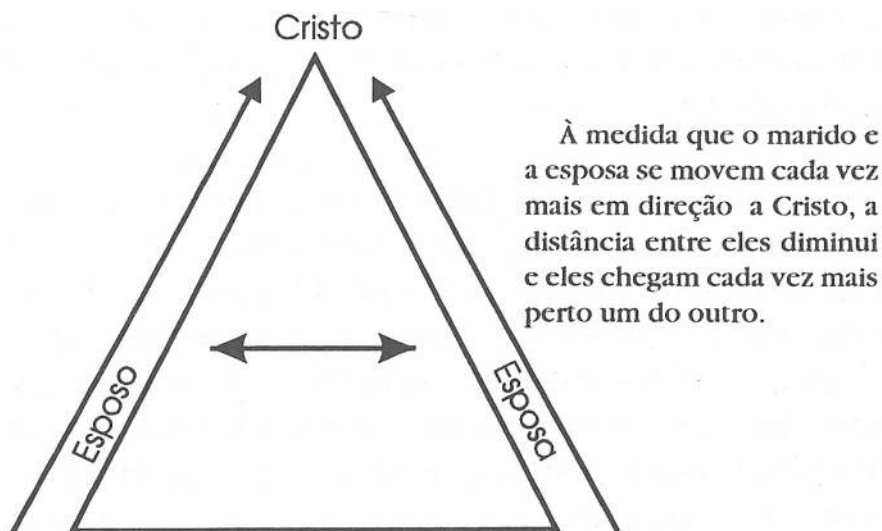
Para aqueles que acham ser essa uma exigência imoral ou injusta, posso apenas salientar que a pessoa será melhor marido ou melhor esposa se Jesus for colocado em primeiro lugar. Aqueles que vivem a vida cristã sabem que um compromisso com Cristo inevitavelmente torna a pessoa amorosa. Se o marido estiver comprometido com Cristo e a cada dia chegar-se mais perto dele, e se a esposa da mesma forma aproximar-se do Salvador mais e mais, então eles inevitavelmente chegarão cada vez mais perto um do outro. Se duas pessoas tiverem o mesmo objetivo final na vida e se comprometerem com a mesma realidade final; se ambos derem a Cristo preeminência e se moverem na direção dele, chegarão cada vez mais perto um do outro.

É por essa razão que a Bíblia exige que os cristãos se casem somente com cristãos. A admoestação bíblica diz: "Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis. . . Que comunhão tem a luz com as trevas?" (2 Coríntios 6:14).

Quando o apóstolo Paulo escreveu essa admoestação, não estava sendo intolerante ou bitolado. Estava simplesmente baseando-se na premissa de que filos nunca se desenvolve entre pessoas que não compartilham o mesmo compromisso. Se uma pessoa é comprometida com Cristo e a outra não, elas não crescerão em filos. Em vez disso, se afastarão uma da outra cada vez mais. Não compartilhando o mesmo compromisso, elas se tornarão mais e mais alienadas à medida que os anos se passarem. Cada qual moldará um estilo de vida, distinto e individualista. Embora possam ter estado envolvidas romanticamente, elas jamais desenvolverão o tipo de intimidade prometido em filos. Um filósofo contemporâneo, descrevendo um relacionamento assim, disse: "Ele gostava de andar sozinho. Ela gostava de andar sozinha. Casaram-se e andaram sozinhos juntos."

(Ilustração: Um triângulo e três setas. As três palavras no triângulo são: Cristo, marido, esposa. Ao lado está o seguinte comentário: À medida que o marido e a esposa se movem cada vez mais em direção a Cristo, a distância entre eles diminui e eles chegam cada vez mais perto um do outro.)

Se você acha que andar sozinho junto é impossível, olhe à sua volta. Verá grande número de casais andando sozinhos juntos. Verá inúmeros casamentos nos quais a esposa tem os seus interesses e compromissos e o marido tem interesses completamente diversos. Eles nunca discutem; nunca brigam. É por não terem nada a respeito



do que discutir e brigar. Cada um deles vive num mundo diferente. Pessoas que vivem em mundos diferentes não têm pontos de conflito ou contenda. Discussões não são necessariamente um sinal de que o casamento está em dificuldades. Na verdade, as disputas freqüentemente ocorrem entre pessoas que compartilham os mesmos objetivos e compromissos e têm os mesmos interesses definitivos. Seu envolvimento intensivo na mesma coisa inevitavelmente conduz ao atrito.

A ausência de amor é com maior freqüência marcada pela indiferença do que pelo conflito. A indiferença resulta quando as pessoas não têm os mesmos compromissos ou interesses. Se for para o casamento ter philos, então as duas partes precisam voltar-se para os mesmos objetivos.

Permita-me afirmar vigorosamente a doutrina paulina de que se você for cristão não se atreverá a casar-se com alguém que não compartilhe o seu compromisso com Cristo. Ser for cristão, deve casar-se somente com cristão.

Incidentalmente, preciso salientar que apenas por alguém pertencer à mesma denominação que você, ou a alguma outra denominação cristã, não significa necessariamente que ela seja cristã. Billy Graham sugere com acerto que mais da metade das pessoas que são atualmente membros de igrejas jamais assumiram um compromisso com Cristo e não podem, com justiça, ser chamadas de cristãs. Se você é cristão, precisa assegurar-se de que seu futuro cônjuge seja de fato cristão e não simplesmente um membro da igreja. Contudo, se alguém tem a felicidade de unir-se a uma pessoa que compartilhe suas convicções, há possibilidades de um amor que em muito excede o romance de nossa cultura. Há esperança para filios.

A faculdade Bryn Mawr, localizada perto de minha casa, é uma escola feminina academicamente seleta. Em diversas ocasiões fui convidado a fazer palestras especiais ali. Gostam de mim em Bryn Mawr por eu ser um feminista ardente. Minha devoção ao feminismo é muito bem recebida por aquelas mulheres muito inteligentes porque elas, como a maior parte das pessoas, gostam de ouvir aqueles com quem concordam.

Em Bryn Mawr pediram-me certa vez que fizesse uma apreciação do casamento tradicional. Pediram-me que avaliasse a funcionalidade da instituição no contexto de nossa moderna sociedade industrial. Contrariando as expectativas de muitas na platéia, expressei forte apoio aos valores tradicionais da família, especialmente na forma em que são legitimados na Escritura. Quando terminei, algumas das jovens inteligentes que tinham ido me ouvir puseram-se a discutir comigo. Elas eram tão inteligentes e eloqüentes que logo percebi que me dominavam. Não havia dúvida de que me venciam na argumentação, reduzindo-me a cacos intelectuais.

Sua asserção era a de que o romance era a base final para os relacionamentos sexuais e o casamento. Acreditavam que quando o romance morre, é melhor terminar o relacionamento para que as pessoas não sejam desumanizadas ao viverem naquilo a que elas se referiam como "casamentos ocos". Como elas se recusavam a aceitar minhas pressuposições a priori acerca da Escritura, eu tinha dificuldade em convencê-las de minha opinião.

Bem na hora em que eu estava para afundar e experimentar derrota total, lembrei-me de uma história que virou a discussão a meu favor. Essa história me havia sido contada por um amigo meu que era membro do corpo docente de importante seminário teológico. Ouvi-o contar certa vez, com eloqüência e grande detalhe, os eventos que cercaram a morte de sua mãe após cinquenta e cinco anos de casamento. Ele me disse como ela havia descido para o café da manhã, terminado de comer e então subitamente afundado inconsciente em sua cadeira. O marido correu para o seu lado, tomou a esposa nos braços e saiu correndo da casa. Todos os demais pareciam paralisados pelo choque ou pelo medo. Os vizinhos todos perceberam que algo terrível havia acontecido quando viram aquele velho colocar a esposa no banco da frente da sua caminhonete, descer pela entrada de carro e partir à toda pela rodovia como um adolescente arrancando numa corrida de carros envenenados. Quando ele chegou com a esposa ao hospital, ela foi pronunciada morta.

No dia do sepultamento, eles foram para o cemitério no fim da tarde e a enterraram. Quando a cerimônia terminou, o velho e seus dois filhos voltaram à residência. Sentaram-se na varanda da frente e por bom tempo conversaram e conversaram. Relembrou cento e uma histórias acerca da mãe. Algumas dessas histórias eram engraçadas, e todas comoventes. Tarde da noite, o velho perguntou:

— Onde está a Mamãe agora? O que faz neste exato momento? Como será para ela estar lá no céu?

Meu amigo e o irmão, ambos ilustres teólogos, começaram a especular a respeito de como seria a vida após a morte. Tentaram imaginar o que a mãe poderia fazer naquele exato momento. Explicaram da melhor maneira que podiam o que as Escrituras tinham a dizer a respeito do céu e da vida no porvir. Tiveram coisas lindas a dizer ao pai, que prestou ansiosa atenção a cada palavra e descrição. Quando, após terem exaurido o que as suas mentes podiam imaginar, os dois filhos terminaram, o velho disse:

— Levem-me de volta. Levem-me de volta ao cemitério.

— Não podemos levá-lo de volta lá — disse o meu amigo ao pai. — São mais de onze horas. Iremos de manhã.

— Não discuta comigo — redarguiu o velho. — Não discuta com um homem que acabou de enterrar a que foi sua esposa por cinqüenta e cinco anos.

Então eles não discutiram com o pai; levaram-no de volta ao cemitério. Com uma lanterna, o velho senhor examinou o túmulo da esposa. Assegurou-se de que as flores estivessem exatamente da forma que a esposa desejava que estivessem. Passou os dedos pela inscrição da lápide. Em seguida, ele ergueu-se do túmulo e disse:

— Foram cinqüenta e cinco bons anos, e, melhor ainda, terminaram exatamente da forma como eu queria que terminassem. Rapazes, estou contente por ela ter morrido primeiro.

Acho que sei o que ele queria dizer com aquilo. Quando duas pessoas têm toda uma vida juntas em dedicação comum a Cristo, quando amam se mutuamente com philos, quando partilham objetivos e propósitos comuns, cada uma delas deseja que a outra seja a primeira a morrer. Cada qual deseja que a outra seja poupada à dor e à agonia de enterrar o cônjuge. Cada uma delas deseja que a outra seja poupada à solidão que vem de ser deixada para trás. É fácil compreender porque o velho disse: "Terminou exatamente da forma como eu queria que terminasse; ela morreu primeiro."

Então o idoso senhor afastou-se do túmulo e colocou um braço em torno de cada um dos seus dois filhos. Puxou-os para junto de si e disse:

— Podemos ir para casa agora; podemos ir para casa. Foi um bom dia.

Minhas cínicas amigas ficaram em silêncio. Estavam visivelmente comovidas pela história. Aproveitei o silêncio delas e disse: "Vocês e o seu romantismo não poderiam possivelmente entender o que acontecia entre aquelas duas pessoas por cinqüenta e cinco anos. Poderiam até julgar o relacionamento destituído das suas expectativas de erotismo. Mas secretamente desconfio que aqueles dois velhos tinham uma profundidade no seu relacionamento que torna o romantismo de vocês superficial."

Eu sabia que as vencera. A discussão terminou. Elas haviam obtido um vislumbre de philos, o tipo de amor que cresce entre pessoas que compartilham os mesmos objetivos e propósitos na vida, o tipo de amor entre pessoas que têm um compromisso comum com Jesus. E reconheceram que era superior ao eros.

Nosso Senhor convida cada um de nós a experimentar esse tipo de relacionamento que torna o tão alardeado romance parecer superficial. Philos! Por que alguém preferiria um romance quando existe a possibilidade de experimentar philos?

Ágape é o terceiro tipo de amor que os gregos descrevem. O amor ágape é tão incomparável e irresistível que é difícil de definir. Talvez somente os que se entregaram totalmente a Deus podem apreender o significado desse tipo de amor. É o amor que o próprio Deus gera na vida do seu povo. Quando você se entrega a Deus e ora para que o Espírito Santo invada a sua vida, começa a experimentar esse terceiro tipo de amor. Quando Deus toma posse de você, quando o Espírito dele entra no seu psiquê, será criado em você um amor que aqueles que resistem a Deus não podem possivelmente conhecer. Quando você se entrega ao Espírito de Deus, experimenta o ágape em todo seu poder e glória.

Ágape é o amor que valoriza. O objeto do amor se torna precioso. O ágape não considera se a pessoa amada é atraente ou digna de amor. Em vez disso, a pessoa torna-se atraente e valiosa por estar sendo amada. Colocando isso em linguagem simples, se eu o amo porque você é precioso e belo, isso é eros. Mas se você é precioso e belo porque o amo, isso é ágape.

Acredito firmemente que Deus se expressa de maneira singular em cada ser humano. Estou convencido de que cada pessoa é uma revelação especial de Deus. Conseqüentemente, meu relacionamento com minha esposa é condicionado por esse fato. Descubro Deus revelado nela de uma forma sem par. Não existe nenhuma outra pessoa no tempo e na história que possa revelar-me Deus da maneira especial pela qual ele é revelado nela. Ela não tem igual, porque nenhuma outra pessoa pode dar-me Deus da maneira como ela o faz. Assim, minha esposa é infinitamente singular



para mim, e sua singularidade a capacita a amar-me, e me capacita a amá-la, de modo que seria impossível se eu estivesse casado com qualquer outra pessoa.

Quando meu filho Bart era garotinho, tinha um cobertor predileto. Muitas crianças pequenas tornam-se apegadas a seus cobertores. Bart gostava tanto do seu que tinha dificuldade em dormir sem a sensação daquele cobertor contra o rosto. Ele estabeleceu o que Martin Bauber chamaria de relacionamento "Eu-Tu" com o cobertor. Ele até mesmo tinha um nome — Gogue. Se Bart não sabia onde o cobertor se encontrava, ficava inquieto. Quando o cobertor estava perdido, ele se sentia desesperado. Quando o cobertor estava sendo lavado, Bart chorava pedindo-o. Resolvemos esse último problema rasgando o cobertor ao meio e dando-lhe uma metade quando a outra estava sendo lavada.

Certa noite nossa família viajava para casa após eu ter feito uma palestra. Bart estava no banco de trás. Ele estava cansado e, conseqüentemente, irritadiço. Começou a choramingação tão característica das crianças exaustas. Eu disse à minha esposa:

— Dê-lhe Gogue.

Minha esposa respondeu:

— Não está comigo. Não está com você? A última coisa

que disse a você antes de sairmos de casa foi: Pegue o Gogue!

Mas não era hora de eu e minha esposa discutirmos. Era a hora de nos unirmos contra o inimigo comum sentado no banco de trás. Sabíamos que iríamos enfrentar uma hora de comportamento irritante. Naquele ponto eu teria alegremente dado cinqüenta dólares a qualquer pessoa que pudesse ter produzido o Gogue imediatamente, para que eu pudesse fazer calar o meu filho.

Olhando para o Gogue, você não veria nenhuma valor intrínseco na coisa. Para falar a verdade, quando tínhamos visita, sempre tentávamos escondê-lo. Pelo fato de o cobertor haver-se deteriorado até virar um trapo velho, o Gogue não tinha valor algum do ponto de vista objetivo.

Não obstante, Gogue tinha um valor fantástico para nós, valor que Bart havia criado. Seu apego ao cobertor tornou-o precioso, não apenas para si, mas para aqueles de nós que o amávamos. Isso de certa forma se parece com o amor ágape. O objeto do amor pode não ter valor algum. Mas o valor é criado pelo fato de o objeto ser amado. O amor ágape é incondicional. A pessoa não precisa merecê-lo. Ele é dado mesmo quando não há merecimento, e essa é a maneira pela qual Deus nos ama e a maneira pela qual devemos amar uns aos outros.

Um exemplo notável do amor ágape foi apresentado por Lorraine Hansberry em sua influente peça *A Raisin in the Sun* (Uma Uva ao Sol). A peça é sobre uma família negra que vive na área pobre de Chicago. O chefe da casa morre, deixando pequena herança resultante de uma apólice de seguro. Creio que a família herda cerca de dez mil dólares. A mãe quer usar o dinheiro para realizar um de seus sonhos mais queridos. Ela se imagina mudando a família para uma casinha no outro lado da cidade. Ela sonha com um bangalô completo com venezianas e jardineiras cheias de flores nas janelas. Aquelas jardineiras cheias de flores haviam passado a simbolizar a ventura que, segundo ela acreditava, tal casa traria a si e a sua família.

O problema é que o filho quer o dinheiro a fim de abrir um negócio. Esse jovem nunca teve oportunidade. Nunca teve chance, nunca teve emprego. Agora um amigo dele tem uma "oferta". Esse amigo convence o filho de que com a sua oferta, eles poderiam iniciar juntos um negócio que lhes traria todo o tipo de dinheiro. Então o filho poderia fazer boas coisas pela família. Ele sempre tinha desejado fazer boas coisas pela família.

Pateticamente, ele suplica e implora que lhe dêem o dinheiro. A princípio a mãe se recusa a dá-lo, mas por fim ela sabe que tem de ceder. Como pode negar isso ao filho, que nunca teve a oportunidade de fazer alguma coisa de valor na vida? Como pode voltar as costas aos seus rogos por uma oportunidade de fazer algo pela família? Ela lhe coloca nas mãos mais da metade do dinheiro, e você bem pode imaginar o que acontece em seguida.

A família está reunida em casa quando outra vítima do vigarista aparece por lá e dá a notícia de que o "amigo" do filho apanhou o dinheiro e sumiu da cidade. Cabeça curvada e ombros caídos, o filho confessa toda a história. Sua irmã, Beneatha não perde tempo em atacá-lo verbalmente. Ela o retalha para cima e para baixo. Despeja o seu desprezo por ele. Ela o condena por ter sido tão burro. Ela berra com ele por ter perdido, para todos eles, o único caminho de escapar do inferno no qual vêm vivendo há anos. Quando ela termina a sua invectiva, a mãe fala:

— Pensei que lhe havia ensinado a amá-lo.

Beneatha responde gritando:

— Amá-lo? Não sobrou nada para amar.

Então a mãe diz:

— Sempre sobra alguma coisa para se amar. E se você ainda não aprendeu isso, não aprendeu nada. Você já chorou por esse rapaz hoje? Não estou falando de chorar por você mesma e pela família, por termos perdido o dinheiro. Estou falando dele; do que ele passou e o que isso fez com ele. Filha, quando você acha que é hora de mais amarmos a alguém: quando ele se saiu bem e fez tudo fácil para todo mundo? Ora, então você ainda não acabou de aprender — porque essa não é a hora de jeito nenhum. É quando ele está mais por baixo e não consegue acreditar em si mesmo pelo fato de o mundo ter-lhe dado uma surra tão grande. Quando você começar a medir alguém, meça-o certo, filha, meça-o certo. Não se esqueça de levar em conta por que montanhas e vales ele passou antes de chegar onde está.

Isso é amor ágape. Esse é o amor que flui mesmo quando não há merecimento. Aquela mãe na peça nos mostra algo do amor de Deus.

Deus o ama quando você se sai bem. Ele se alegra quando você realiza algo de valor. Mas a boa nova é a de que ele o ama mesmo quando você não se sai bem. Ele o ama mesmo quando você entra numa enrascada. Ele o ama quando você faz coisas terríveis. Ele o ama mesmo quando você faz as coisas mais desprezíveis que se possa imaginar. Apesar de tudo o que você possa fazer, Deus ainda o ama. Apesar do que você é, Deus ainda o

ama. Isso é que é o amor ágape. O amor ágape, ao contrário de eros, é extremamente estável. Ele não tem fim, nunca vacila, ou, usando as palavras do apóstolo Paulo em 1 Coríntios 13, "nunca falha". Igualmente significativo é o fato de esse amor ágape de Deus poder fluir através da pessoa para a vida de outros. Cada um de nós é capaz de tornar-se um conduto através do qual o amor de Deus é "derramado" para que outros o sintam.

Esse fato afetou de maneira significativa meu relacionamento com minha esposa. Como mencionei antes, senti-me "atraído" romanticamente pouco depois de conhecê-la. Eros conduziu-me ao casamento. Contudo, eros não teria sido suficiente para manter o casamento. O ágape é que tem feito isso. Deus amando a minha esposa através de mim é que me tem mantido junto dela com o passar dos anos. Como a maioria das outras pessoas, tenho estado consciente de possíveis "atrações" eróticas por outras mulheres que conheço. Mas o amor ágape de Deus me mantém fiel à minha esposa.

Imagine eu começando meu dia no trabalho. Chego ao escritório. Tiro meu material de pesquisa e o esparramo sobre a escrivaninha. Então, minha assistente na pesquisa, Jane, animada e bem proporcionada, chega. Seus saltos altos estalam no piso de cerâmica quando ela se dirige apressada à minha mesa.

— Bom dia, Dr. Campolo — cumprimenta ela com um sorriso radiante.  
— Há alguma coisa que eu possa fazer pelo senhor esta manhã?

Não sei como responder a essa daí. Já sei; estou chocado com a mera sugestão do que poderia estar-me passando pela mente. Você diz: "Eu pensava que você fosse cristão! Pensava que fosse um homem de Deus!"

Claro que sou cristão e tento ser um homem de Deus. Mas os cristãos experimentam as mesmas atrações e tentações que todo o mundo. A diferença para os cristãos é que eles podem apelar para o Senhor e pedir força íntima para vencer essas tentações. Quando Jane se inclina sobre a minha escrivaninha, murmuro para mim mesmo: "Deus, sua propriedade está em perigo."

Quando as atrações românticas me tentam, existe sempre o constante amor ágape de Deus que me mantém fiel à minha esposa. Ademais, Deus me sensibiliza para o fato de que ele não apenas habita em mim, mas em minha esposa também. Ser infiel a ela significaria ser infiel a Deus. Feri-la significaria ferir a Deus. O amor de Deus fluindo através de mim para a minha esposa, juntamente com a presença de Deus que percebo nela, é tudo o que tenho no fim para me manter fiel. Serei eternamente grato a esse amor ágape de Deus porque só ele é capaz de vencer as tentações românticas geradas pelo eros. Mesmo em meu relacionamento diário com minha esposa, posso atestar a veracidade daquele antigo hino de comunhão:

Que vista amável é, quando com santo amor Irmãos, unidos pela fé, adoram o Senhor.

Antes de deixarmos esta discussão sobre o amor, quero fazer mais uma afirmação. Afirmei antes que o romance morre logo após o casamento. É melhor eu corrigir isso para: o romance morre a menos que seja ressuscitado e revitalizado sob a influência de tipos mais profundos de amor. Descobri que philos e ágape de tal maneira influenciam meu relacionamento com minha esposa que o romance está constantemente explodindo entre nós. Descubro que me apaixono de novo por minha esposa vez após vez. Experimento em minha avançada idade de quarenta e oito anos toda a borbulhante excitação, o erotismo e o êxtase que caracterizam o romance adolescente.

Há um poema que me foi dado por um amigo quando eu tinha quatorze anos de idade. Jamais o esqueci. Ele me faz lembrar que o romance pode sempre ser aceso novamente se existirem dimensões espirituais na nossa personalidade. Eis o que diz:

Ande de mansinho por onde o amor já cresceu  
Pois cada primavera é prova de ressurreição  
E cada Natal é evidência Do renascimento do amor.  
No filme *The Four Seasons (As Quatro Estações)*, alguém pergunta ao ator Alan Alda se ele ainda se sente romântico com relação à esposa. Responde ele: "Isso vem e vai." Eu teria de dizer o mesmo. O romance vem e vai para mim também. Nem sempre o sinto. Não acho que a maioria das pessoas o

sentem sempre. Mas que sinto, sinto. Ele ainda me apanha com toda a sua maravilha e ventura. Ainda me dá acessos. Ainda acrescenta uma dimensão deliciosa à minha vida. E tem mais, ele acontece com frequência cada vez maior à medida que os anos passam. Você tem de admitir — isso é uma boa notícia.

Àqueles que buscam o tipo de amor que produz gozo e realização na vida, não me envergonho de recomendar o tipo de experiências amorosas que fluem de um relacionamento com Jesus. Não me envergonho do evangelho de Cristo, porque ele satisfaz a minha necessidade de amor.

## **CAPÍTULO CINCO**

### **Jesus Satisfaz a Nossa Necessidade do Milagroso**

Quando digo que Jesus satisfaz a nossa necessidade do milagroso, geralmente sou recebido com uma ceticismo sofisticado da parte das pessoas que alegam pertencerem a outra era e não necessitarem de coisas milagrosas em sua vida. Esses cétricos que desejam enviar-me à Idade Média sugerem que eu me encaixaria melhor com os monges medievais do que com as pessoas de nosso moderno mundo científico.

Entretanto, mesmo esses pseudo-sofisticados têm necessidade do milagroso. Podem não reconhecê-la — a necessidade pode ser inconsciente — mas mais cedo ou mais tarde ela emergirá. Sempre emerge. Os cidadãos desta sociedade de motores envenenados, propulsão a jato, iluminação a gás neon, computadores, ainda desejam fortemente o maravilhoso e o admirável. Eles podem encobrir essa necessidade debaixo do verniz do positivismo racional, mas emocionalmente a fome do sobrenatural ainda arde em seu íntimo. De que outra forma podemos encontrar explicações para incongruências em nosso mundo como as secções sobre o oculto nas estantes de livros das melhores universidades, e filmes a respeito do sobrenatural que atraem multidões transbordantes (por exemplo, O Exorcista e A Profecia).

Fiodor Dostoiévski, o romancista russo que muitos dizem ter-nos dado as mais notáveis descrições do psique humano em tempos modernos, viu claramente a necessidade que as pessoas têm de que o milagroso invada a rotina de suas vidas. Numa seção de seu romance Os Irmãos Karamazov que ele chama de "O Grande Interrogador", ele mostra que os seres humanos não podem viver sem a expectativa do milagroso. Diz ele:

O homem busca não tanto a Deus quanto o milagroso. E como o homem não tolera ficar sem o milagroso, criará novos milagres seus para si mesmo, e adorará atos de encantamento e feitiçaria, embora possa ser rebelde, herege e descrente arrematado.

Não somos exatamente as criaturas racionais que julgamos ser. Em épocas de crise, clamamos por milagres. Quando uma tragédia como o

câncer nos atinge, anelamos por curas sobrenaturais. Quando nossa vida fica descontrolada, desejamos ardentemente a intervenção divina.

Muitos teólogos contemporâneos parecem embaraçados pelo milagroso. Eles aparentam estar determinados a expressar religião em termos totalmente racionais. Excluem conversas sobre milagres de suas discussões e reduzem as "conversas sobre divindade" a sistemas lógicos e filosóficos. Talvez seja por isso que a maioria das pessoas não está interessada na teologia moderna; ela é tão completamente categórica, tão completamente intelectual! Ela deixa de apreender que uma grande parte do Cristianismo transcende o intelectual, e que existem dimensões de nossa fé que simplesmente não cabem em caixas racionais.

Diversos anos atrás, fui convidado a dar algumas palestras numa pequena faculdade na região do meio oeste dos Estados Unidos. Era uma dessas escolas fundadas por pessoas religiosas mas que havia perdido suas amarras religiosas. Embora a escola se tivesse tornado seculariza-

da, restavam ainda alguns sinais de sua associação religiosa anterior. Um deles era uma semana por ano de ênfase religiosa. A maioria das faculdades religiosas têm semanas como essa nas quais se faz um esforço para "dar uma injeção psicológica" de religião no corpo estudantil. Geralmente esses esforços pouca mudança produzem. Essa faculdade específica achou que eu poderia fazer o trabalho para eles e levou-me lá a fim de ressuscitar os seus mortos. Minha tarefa era a de interessar um corpo estudantil apático que era obrigado a assistir às minhas palestras sobre como o Cristianismo era supostamente excitante e intelectualmente defensável.

A faculdade havia marcado as palestras para as noites. No final da minha apresentação na segunda noite, uma mulher desceu pelo corredor do auditório carregando uma criança nos braços. A criança era aleijada e usava aparelho, e a mulher obviamente não fazia parte do corpo estudantil. Além disso, tinha ela uma expressão estranha nos olhos.

— O que deseja? — perguntei.

Respondeu ela:



— Deus me disse para vir.

Eu não sabia como enfrentar aquilo. Parecia-me que se Deus tinha dito à mulher para ir lá, o mínimo que ele podia ter feito era contar-me que ela ia aparecer.

Perguntei:

— Bem, há alguma coisa que você acha que posso fazer por você?

— Você deve curar o meu filho — disse ela.

Respondi:

— Cara senhora, eu não tenho o dom da cura. Existe uma variedade de dons segundo a Bíblia. Algumas pessoas recebem o dom de línguas, algumas o dom da profecia, algumas o dom da cura e algumas o dom do ensino. Ensinar é o meu dom.

Senti-me fortemente inclinado a apenas apontar para a minha careca e dizer:

— Se eu pudesse curar, acha que teria esta careca?

Disse-lhe que curar não era comigo, mas ela não desistiu.

— Deus me disse que viesse — falou ela mais enfaticamente ainda.

Os estudantes logo perceberam o que acontecia, e eu podia ouvir cochichos e risadinhas sufocadas espalhando-se pela platéia. Não havia dúvida de que eles estavam encantados em ver o meu desconforto. O capelão da faculdade reconheceu que eu estava em situação embaraçosa. Ele era um capelão de faculdade bem típico. Tenho certeza de que você conhece o tipo. Eles usam malhas de gola alta, e correntes com grandes cruzes no pescoço. Fumam cachimbo e tentam parecer muito relevantes. Ele se aproximou de nós e perguntou:

— Qual é o problema, Doutor?

— Esta senhora quer que eu cure seu filho — respondi.

Ele perguntou:

— Quer ajuda?

— Por favor! — atirei-lhe em resposta.

O capelão disse à platéia:

— Aqueles que não acreditam que esta criança vai ser curada esta noite, por favor, deixem o auditório. Se vocês não estiverem absolutamente convencidos de que as pernas desta criança serão endireitadas através da oração, quero que saiam daqui. Nem mesmo Jesus pôde realizar milagres ou atos poderosos quando cercado por pessoas cheias de descrença.

"Ei", pensei comigo mesmo, "nada mau para um capelão de faculdade teologicamente liberal. Essa é realmente uma jogada inteligente."

Foi uma jogada inteligente porque assim que ele disse aquilo, quase todos no auditório se levantaram e saíram.

Com uma sentença, ele havia limpado o lugar. Tudo o que sobrou foram cinco jovens pentecostais, e esses já estavam na deles, erguendo as mãos no ar e orando em línguas. Achei que o sujeito me havia tirado do apuro, que eu estava salvo e livre.

Perguntei:

— O que fazemos agora?

Ele respondeu:

— Vamos levar a criança para os fundos, para a cozinha.

— O que você vai fazer na cozinha? — foi a minha pergunta.

Respondeu ele:

— Vamos ungir a cabeça da criança com óleo.

— Óleo? Que tipo de óleo? — perguntei.

— Mazola! — respondeu ele com um sorriso no rosto.

De certa forma faltava àquela resposta o tipo de espiritualidade que eu esperava. Achei que ele poderia ter algo como água santa vinda de Israel ou algum unguento especial que tivesse sido benzido pelo papa.

Perguntei:

— Você está brincando?

Ele disse:

— Olhe, Campolo; no livro de Tiago diz que se alguém precisa ser curado, os presbíteros da igreja devem ungir a cabeça da pessoa com óleo, impor-lhe as mãos e orar pedindo a cura. Por isso, a menos que você tenha uma idéia melhor, é melhor fazer o que o Livro manda.

Ora, esse não é um mau conselho, não importa de quem venha. Assim, fomos ao cômodo dos fundos e fizemos o que devíamos fazer. Seguimos as instruções do livro de Tiago como se fosse um livro de receitas. Primeiro aplicamos o óleo, depois impusemos as mãos, e em seguida oramos. Eu havia convidado os cinco jovens pentecostais para irem conosco, portanto eles também estavam com as mãos na cabeça do guri. Calculei que, se

alguém tivesse alguma coisa vantajosa para oferecer, eu queria que participasse daquilo.

Comecei a orar. Era uma dessas orações artificiais que são demasiadamente comuns quando oramos na presença de outras pessoas. Acho que você sabe do que estou falando. Muitas vezes, quando outros estão presentes, temos a tendência de enunciar frases religiosas convenientes e pomposas que comunicam uma imagem de espiritualidade em vez de nos concentrar em Deus. Ainda posso ouvir-me orando: "Ó Deus, grande Criador do Universo; ó tu, que em tempos remotos curaste os cegos, fizeste os coxos andar e ressuscitaste os mortos, imploramos-te nesta hora que estejas presente entre nós" — e parei de chofre. No meio da minha oração, os meus amigos pentecostais pararam de orar, em línguas. Todos nós a sentimos. Todos nós sentimos uma presença estranha e impressionante irromper em nosso meio. Inesperadamente, o Espírito Santo encontrava-se entre nós. O Espírito Santo desceu em nosso meio! Sua Presença era irresistível e perturbadora, e espatifou minha pretensa

religiosidade. A experiência deve ter sido algo parecido com o que Isaías descreveu no capítulo seis do seu livro:

"No ano em que morreu o rei Uzias, eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e as orlas do seu manto enchiam o templo. Os serafins estavam acima dele, cada um tinha seis asas: Com duas cobriam os seus rostos, com duas cobriam os seus pés e com duas voavam. E clamavam uns aos outros, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória. Os umbrais das portas se moveram com a voz do que clamava, e a casa se encheu de fumaça. Então disse eu: Ai de mim, que vou perecendo! porque eu

habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o rei, o Senhor dos Exércitos!"

(Isaías 6:1-5)

É uma coisa tremenda estar na presença do Todo-poderoso! Eu não sabia como reagir. Instintivamente, tirei a mão e senti-me terrivelmente envergonhado. Meus amigos pentecostais também tiraram as mãos. Tenho de admitir que esperei plenamente ver a criança ser curada. O poder do Espírito era tão irresistível que uma cura milagrosa não me teria surpreendido. Mas a criança não foi curada. Após algumas desculpas e explicações sem graça, saímos todos do aposento e eu deixei depressa o prédio. O restante das palestras da série se desenrolou de forma bem rotineira. Fiquei contente quando a semana terminou e pude voltar para casa, longe daquela estranha e misteriosa situação.

Três anos depois disso, fui o palestrante convidado numa igreja na cidade de St. Louis. Quando o culto terminou, uma senhora me procurou e perguntou:

— Lembra-se de mim?

— Sim! — respondi. — Faz três anos que a conheci. Você levou o seu garotinho para ser curado. Oramos por ele. Como está o garotinho?

Ela disse:

— Vim aqui hoje porque queria que o visse. Aqui está ele.

Ali, ao lado dela, sem nenhum aparelho nas pernas, o garotinho estava em pé tão ereto e perfeito quanto qualquer menino pode ser. Suas pernas não estavam mais retorcidas.

— Como foi que isso aconteceu? — perguntei.

Ela respondeu:

— Oramos! Não se lembra? Oramos! Na manhã seguinte, ele acordou chorando. Notei que o aparelho dele estava um pouco apertado. Soltei-o e as pernas dele se endireitaram um tantinho. Isso aconteceu novamente na manhã seguinte, e depois aconteceu vez após vez. Continuou acontecendo até que suas pernas ficaram retas.

Eu não sabia como tratar com nada daquilo. A situação fugia à minha capacidade.

Poucos dias mais tarde eu estava de volta à minha cidade natal, Filadélfia, almoçando com dois colegas acadêmicos. Um era catedrático de religião da Universidade da Pensilvânia. Expliquei aos meus amigos o que havia acontecido, e um deles disse:

— Bem, Tony, tenho de ser franco com você. Minha teologia não admite que esse tipo de coisa aconteça.

Não é absurdo? Quero dizer, a gente tem de rir de uma resposta dessas. A teologia dele não admite que esse tipo de coisa aconteça.

Eu disse:

— Charlie, não quero aborrecê-lo, mas talvez, apenas talvez, Deus seja maior do que a sua teologia. Talvez, apenas talvez, Deus seja capaz de fazer abundantemente mais do que a sua teologia jamais poderia esperar ou pensar.

Acho que o problema com uma porção de teólogos é eles terem colocado Deus numa caixinha. Eles se apressam em dizer-nos o que Deus pode fazer e o que ele não pode. Escrevem livros a respeito de Deus e numas duzentas páginas tentam contar tudo que pode ser dito acerca do Todo-poderoso. Algum dia eu gostaria de dizer a todos os teólogos

racionalistas do mundo que Deus transcende seus termos categóricos. Ele escapa às suposições a priori que eles fazem a respeito dele. Deus não pode ser colocado dentro de suas sínteses mentais da mesma forma que não se pode colocar vinho novo dentro de odres velhos. O vinho novo se expandirá e arrebentará os odres velhos. De igual maneira, Deus escapa a qualquer sistema teológico que buscamos construir em nossa tentativa de circunscrevê-lo.

Quero tornar bem claro que não compreendo o milagroso. Não compreendo milagres. Não compreendo cura. E não compreendo porque algumas pessoas, pessoas profundamente piedosas, oram pela cura e não a experimentam. Não compreendo porque Deus não cura todas as vezes que seu povo ora com fé. E conheço muitos exemplos de pessoas piedosas que acreditam no poder da oração e imploram a Deus uma cura, mas não recebem o que pedem. Por outro lado, às vezes parece que outras muito menos merecedoras experimentam o poder terapêutico do Todo-poderoso.

Não consigo entender os caminhos de Deus. Afinal, não existe nenhum ser humano que possa. Isaías 55:8 diz que os caminhos de Deus não são os nossos caminhos e os seus pensamentos não são os nossos pensamentos. Reajo veementemente aos pregadores populares que comunicam via TV e rádio a milhões de pessoas que Deus curará qualquer pessoa que peça, usando a fórmula certa. Creio que eles são responsáveis por estimular expectativas que não podem ser realizadas. Os que alegam que Deus curará todo aquele que orar com fé, criando sofrimento e desilusão entre mais pessoas do que se pode imaginar.

Conheço um caso no qual uma família recebeu a notícia de que o pai estava seriamente enfermo com câncer e que com toda probabilidade estaria morto em questão de meses. Os filhos desse homem lhe eram muito apegados. Eles o amavam profundamente e a notícia de sua morte iminente os aniquilou emocionalmente. Uma das irmãs, em resposta às reivindicações de um famoso pregador da televisão, escreveu uma carta àquele pregador e perguntou o que era necessário fazer para que o pai fosse curado. O evangelista respondeu

(provavelmente com uma dessas cartas escritas pelo processador de texto de um computador) que se todos na família confessassem o pecado em suas vidas e, como crentes purificados, orassem pela cura, então o pai seria curado.

Da melhor forma possível, cada um dos membros da família fez conforme fora instruído. Confessaram seus pecados. Pediram ao Espírito Santo que lhes purificasse o coração e oraram com intensidade para que o pai fosse curado. A triste notícia é que o pai não foi curado. Morreu.

Após a morte do pai, a filha escreveu outra vez ao evangelista. A resposta que veio foi extremamente indigna. O evangelista disse na carta que o motivo pelo qual o pai não havia sido curado era o de ainda haver algum pecado na vida de um dos membros da família. Isso levou diversos daqueles jovens a profunda tristeza. Cada um deles sentiu-se culpado, achando que algo em sua vida podia ter sido responsável pela morte do pai. Cada um deles passou por longo processo de auto-acusação. Duvido que algum deles consiga algum dia superar os efeitos daquela carta.

À teologia como a daquele evangelista da TV, autor das cartas, digo: "Asneira!" Creio no milagroso, mas não acredito que alguém possa controlar o milagroso. Alguns evangelistas contemporâneos parecem-se mais com mágicos que alegam possuir poder pessoal do que servos de Deus que fazem o que a Bíblia manda e deixam a critério do Todopoderoso quem vai ser curado e quem não vai.

É minha forte crença que curas e milagres não são a coisa normal na vida da igreja, mas sim que eles são "sinais" do reino de Deus. Creio que através deles Deus está apontando para o que acontecerá a todos os doentes e aleijados na vida além túmulo. Curas são ocorrências extraordinárias que dizem a cada pessoa fisicamente

incapaz ou enfermiça que um dia, algum dia, ela será perfeita e sadia. As curas são declaração das novas de que chegará a hora na qual cada um de nós terá corpo novo, completo, saudável e livre da possibilidade de deterioração. Mas prometer que cada pessoa que ora será curada aqui na terra é coisa muito errada.

Muitos de nós conhecemos Joni Eareckson Tada. Essa linda jovem paralizada orou e orou e tem sido objeto de orações, mas ela admitirá francamente que não acha que vá ser curada. Uma mulher excepcional, ela tem sido um dos mais notáveis testemunhos por Cristo em nossos dias. Sua vida tornou-se um exemplo para muitas pessoas deficientes, demonstrando que elas podem ter vidas produtivas, eficazes, e serem uma bênção para os outros, mesmo que seus corpos não funcionem como elas gostariam que funcionassem. Dizer que Joni Eareckson Tada de certa forma tem falta de fé ou que não orou da maneira apropriada parece absurdo.

Creio no milagroso. Floresço no espanto e no assombro que ele gera. Conheço a verdade apresentada por Dostoievski de que temos necessidade do milagroso a fim de não nos deixarmos sufocar pelas expectativas de um mundo terreno que se tornaram rotineiras. Precisamos do milagroso porque precisamos acreditar que este mundo de previsibilidade científica pode ser transcendido. O milagroso é o que nos dá base para esperança mesmo quando as circunstâncias da vida nos dizem que não existe espaço para a esperança.

Não me envergonho do evangelho de Cristo, porque ele satisfaz a minha necessidade do milagroso. E estou certo de que ele satisfará a sua necessidade do milagroso.



## **CAPÍTULO SEIS**

### **Jesus Satisfaz a Nossa Necessidade de um Propósito de Vida**

Viktor Frankl, o psiquiatra vienense, disse certa vez que a necessidade básica dos seres humanos é a de terem um propósito e um significado de vida. Segundo Frankl, a vida é intolerável para as pessoas que não têm um propósito. Ele descobriu essa verdade quando aprisionado num campo de concentração nazista. Durante os anos que passou lá, ele utilizou seu tempo para estudar as diferenças entre as pessoas que conseguiram sobreviver aos horrores da prisão e as que foram por eles destruídas. Após exame e análise cuidadosos de seus companheiros de prisão, ele chegou a uma conclusão clara: Os que conseguiam sobreviver ao aprisionamento eram aqueles que tinham objetivos claramente definidos para a vida, ao passo que aqueles que não tinham um propósito claro para a vida depressa se rendiam às condições sub-humanas criadas pelos nazistas e morriam.

O fato de cada ser humano precisar de um propósito para viver pode fornecer uma base importante para a evangelização. Alguns dos meus amigos trabalham com o movimento da Cruzada Estudantil para Cristo. Têm conseguido atrair estudantes de faculdades e universidades e levá-los a aceitar a Cristo como seu Salvador e Senhor, tornando claro para eles que, mediante um compromisso com Cristo, podem passar a uma existência significativa e a uma razão gloriosa para viver. Esses evangelistas da Cruzada Estudantil freqüentemente utilizam um folheto intitulado As Quatro Leis Espirituais. A primeira dessas leis é: "Deus tem um plano maravilhoso para a sua vida." Essa simples declaração tem tido um fantástico apelo para estudantes de faculdades e universidades que têm inteligência, muito conhecimento, e numerosas oportunidades na vida, mas não têm um plano de vida. A grande verdade expressa na primeira das quatro leis espirituais é Boas Novas para eles, e eles freqüentemente entregam as vidas a Cristo por causa da promessa de que a vida em Cristo tem propósito.

Acho essencial para cada ser humano saber que sua existência não é simplesmente um acidente biológico, mas que foi determinada pela vontade de Deus. Creio ser de máxima importância que cada pessoa saiba que Deus a está convidando a entrar num relacionamento no qual propósito e plano podem ser elaborados e delineados. Deus deseja que cada um de nós descubra, em diálogo com ele, a possibilidade de haver um plano significativo para a vida.

É importante afirmar que existe algo grandioso que você nunca fará a menos que venha a Jesus. Há algo maravilhoso que Deus nunca conseguirá realizar através de você enquanto não se render à vontade divina. Há algo de máxima importância que Deus deseja que você realize para ele. Estou convencido de que Deus tem uma missão especial para você desempenhar em nome dele. Quando você se apegar com Jesus, virá a conhecer esse propósito. Quando você discernir a missão que ele tem para você, saberá qual a finalidade da sua vida. Então, e somente então, sua busca de significado e propósito terminará.

Quando Jesus morreu na cruz e salvou-o do pecado, fê-lo não apenas para levá-lo ao céu, mas por uma razão ainda mais importante — por mais estranha que esta afirmação pareça. Jesus salvou-o mediante a morte no lenho do Calvário a fim de torná-lo alguém que pudesse fazer coisas magníficas para os outros em nome dele. Ele o salvou para que pudesse operar através de você e realizar coisas que ele deseja que sejam feitas no mundo. Jesus deseja eliminar a fome, e ele o salvou a fim de que possa, através de você, eliminar a fome de muitas pessoas. Jesus deseja vestir os nus, e ele o salvou para poder conseguir vesti-los através dos seus esforços. Jesus deseja resgatar os oprimidos para a liberdade e trazer justiça às vítimas da tirania, e ele deseja que você seja um dos instrumentos através dos quais coisas tão importantes quanto essas possam ser feitas. Jesus o salvou a fim de que você pudesse ser um agente da sua revolução no mundo. Ele o salvou para, através de você, poder executar algumas das mudanças essenciais que transformem este mundo no tipo de mundo que ele desejava que fosse quando o criou.

Nem sempre entendi esta verdade importante. Nos meus primeiros tempos de cristão, achei que a razão básica pela qual Jesus me havia salvo

era para eu poder ir ao céu quando morresse. Naqueles dias eu achava que tudo o que tem valor esperava por mim na vida após a morte, e que o que acontecia neste mundo não era realmente importante.

Quero afirmar a esta altura que acredito no céu e que estou absolutamente convencido de que aqueles que crêem em Jesus vão para lá quando esta vida termina. Entretanto, ultimamente convenci-me de que nosso Senhor estava mais interessado em nos fazer viver a vida neste mundo de forma significativa do que em nos levar ao céu após a morte. Ele disse aos seus discípulos que havia vindo a fim de que eles tivessem vida e que pudessem tê-la mais abundantemente. Esse fato é-nos comunicado enfaticamente através da Escritura. Além disso, ele deseja que aprendamos que somente podemos ter essa vida através de serviço amoroso prestado a outros em nome dele. Sua mensagem é a de que gozo, animação e realização podem ser conseguidos somente ao darmos nossa vida ao trabalho que ele tem para fazermos. Não é ao receber aquilo que nós queremos, mas ao fazer aquilo que ele deseja, que nos tornamos pessoas auto-realizadas com um senso de êxtase a respeito da vida. Cada pessoa precisa de algo de máxima importância para fazer com a sua vida, e as boas novas consistem em ter Jesus algo especial para cada um de nós fazer.

Fico atônito ao ver quantas pessoas não reconhecem que servir aos outros por Jesus é a única resposta apropriada que alguém pode dar a Deus pelas grandes coisas que ele fez por nós. Tais pessoas deixam de ver que não há como ser "santo" a não ser como um instrumento separado por Deus para cumprir os seus propósitos no nosso mundo. Na realidade, os etimologistas descobriram que a palavra "santo" significa "separado". Portanto, a santidade não é uma devoção do tipo "sou-melhor-do-que-você", mas uma disposição de permitir que Deus o separe para o seu trabalho. Infelizmente, um número demasiado de pessoas acha que a maneira de expressar o senhorio de Cristo em suas vidas é agindo de maneira piamente superior aos outros, quando na realidade esse senhorio significa tornar-nos servo dos outros.

Meu propósito aqui não é o de condenar a devoção. (Alguns dos meus melhores amigos são devotos.) Mas às vezes ela me deixa um pouco

inquieta. Quando eu era recém-convertido, meus amigos cristãos me comunicaram que devoto era o que eu devia ser. Disseram-me que se eu quisesse ser um verdadeiro cristão, então tinha de viver de acordo com uma lista de regras que, segundo eles, me separaria do mundo. A maioria dos sermões que ouvi instava mais para eu seguir essas regras do que para me tornar servo dos outros. Parecia que havia mil e uma mensagens do púlpito sugerindo que a vida cristã estava firmada em negativos em vez de positivos. Contaram-me um colosso de coisas que os cristãos não deviam fazer, mas não recebi uma mensagem muito clara do que os cristãos deviam fazer pelos outros. Os membros do grupo de jovens da nossa igreja cantava por brincadeira:

Não fumamos, dançamos ou mascamos E garotas que fazem isso não namoramos.

Ser cristão era definido essencialmente como desistir dos "prazeres do mundo" em vez de dedicar-se ao trabalho que Deus tem para que realizemos neste mundo.

Ainda posso me lembrar de um pregador que esmurrava o púlpito e berrava que a dança estimula a lascívia da carne! Ele descreveu em detalhe lascivo as maneiras pelas quais dançar incrementava os hormônios e estimulava fortes desejos sexuais. Quando terminou, tinha feito com que eu imaginasse coisas e dissesse comigo mesmo: "Puxa! Isso parece divertido!"

Não desejo ser muito severo contra sermões que condenem a dança porque, de muitas maneiras, aquele pregador estava certo. Percebo isso sempre que por acaso vejo alguma dança moderna na televisão. Mesmo uma observação despreocupada da maior parte dessas danças deixará bem evidente que os movimentos pélvicos desses tipos frenéticos têm a capacidade de excitar toda a espécie de desejo sensual. Você pode inclinar-se a me chamar de "velho sujo", mas parece-me que se dois jovens se colocam de frente um para o outro vibrando de maneira erótica por horas a fio, eles vão terminar muito "ligados", sexualmente falando. Se não ficarem ligados com todos aqueles rodopios, estou mais pronto a chamá-los de "mortos" do que de "espirituais". Contudo, pode haver certa

hipocrisia da parte das igrejas que condenam a dança. Muito freqüentemente, essas mes mas igrejas que pregam contra a dança são as que patrocinam passeios em carroças cheias de feno. Não quero parecer cínico, mas já estive em passeios desses promovidos por igrejas, e freqüentemente o que ocorre na palha faz com que o que acontece na pista de dança pareça brando.

Outra marca de devoção, importante durante a minha adolescência, era manter-se afastado do cinema. Ouvi evangelistas berrarem aos ouvintes: "E se você estiver no cinema quando a trombeta soar e o Senhor voltar? E se Jesus voltar à terra e encontrar você no cinema?"

Toda vez que eu ia ao cinema morria de medo. Tinha certeza de que ia assistir à metade do filme e a trombeta soaria e o Senhor voltaria. Mas, pior de tudo, acho que o que mais me preocupava era não poder ver o final do filme.

Fumar era outro "não-não" entre as pessoas com quem convivi nos meus primeiros tempos de Cristianismo. É preciso admitir que ainda tenho todo tipo de reação negativa ao fumo. Acho que é um hábito terrível. No que me diz respeito, a família que fuma junto sufoca junto. Quando adolescente, sempre achei que beijar uma garota que fumasse seria o mesmo que lamber um cinzeiro.

Você já entrou alguma vez num avião e se sentou na área de não fumantes apenas para descobrir que o sujeito ao seu lado acende um cigarro e deixa a fumaça flutuar bem na sua cara? Enquanto você se sufoca, ele geralmente diz: "Você não se importa que eu fume, importa?" Quase tenho vontade de responder: "Não, se não se importa que eu vomite."

Se pareço estar apenas zombando da mentalidade que condena fumar, dançar e beber, não estou conseguindo fazer-me entender. Acho que essas práticas, juntamente com muitas outras, podem levantar questões muito sérias para aqueles que desejam estabelecer um estilo de vida cristão. Entretanto, fico contrariado sempre que os cristãos fazem do abandono dessas práticas a essência da fé cristã. Reajo contra aqueles que

fariam desse tipo de devoção pessoal a essência do Cristianismo. A verdade é que você pode deixar de fumar, dançar e ir ao cinema e não estar nem perto do que é importante ao estilo de vida cristão.

Nos dias de Jesus, os fariseus, que viviam segundo a letra da lei, tentavam sempre superar-se para corresponder aos requisitos de devoção que haviam surgido na sociedade judaica. Quando Jesus reagiu negativamente ao seu estilo de vida, deixou claro que a essência da piedade não seria obtida num estilo de vida legalista de devoção pessoal, mas no sacrifício amoroso aos pobres e em serviço aos perdidos. Jesus deixou claro que é possível alguém ser muito devoto e contudo deixar de encontrar o significado real da piedade.

Está na hora de levarmos a sério a reivindicação feita por Jesus quando disse que, se alguém quiser ser seu discípulo, tem de negar a si mesmo, vender o que tem, tomar a cruz e segui-lo. A disposição de sacrificar tudo o que somos e temos a fim de servir a Cristo e ao povo que ele nos convocou para amar é a única resposta aceitável ao que Jesus fez por nós no Calvário. Devoção pessoal não substitui o sacrifício amoroso.

"Portanto, rogo-vos, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus". (Romanos 12:1-2).

A maioria de nós tem estado a se iludir. Temos fingido que podemos viver vidas de afluência típica de classe média num mundo em que pessoas experimentam pobreza desesperada, e ainda dizemos ser cristãos. Tentamos evitar passagens como 1 João 3:17-18, que nos dizem: "Quem tiver bens do mundo e, vendo o seu irmão necessitado, cerrar-lhe o seu coração, como estará nele o amor de Deus? Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade". Esses versículos levantam perguntas cruciais: Como pode qualquer pessoa dizer que ama a Jesus e não reagir ao sofrimento daqueles a quem Jesus ama? Como é possível para alguém dizer que está imitando a Jesus enquanto se

apega a excesso de riqueza em face daqueles que anseiam por alimento para sobreviver? Ser cristão não significa alimentar os famintos, vestir os nus, libertar os cativos, ministrar aos enfermos? Ações como essas não são infinitamente mais importantes do que aderir a rituais de devoção pessoal criados por legalistas religiosos?

Dirijo uma pequena organização missionária chamada Associação Evangélica para a Promoção da Educação, que desenvolveu diversos projetos em países do Terceiro Mundo. Um desse projetos é um orfanato planejado para cuidar de crianças abandonadas pelos pais e vítimas de extrema subnutrição. Essas são crianças tão debilitadas e enfraquecidas que, se não receberem tratamento intensivo, morrerão dentro de poucos meses. Planejamos esse orfanato para cuidar de cinqüenta dessas crianças achando que um orfanato com esse tamanho cuidaria de todas as crianças em tal situação vivendo na favela urbana que nossa organização havia escolhido ajudar.

No dia em que abrimos o orfanato, tomamos um ônibus e o dirigimos à região da favela onde essas crianças desesperadas viviam. Contudo, em vez de cinqüenta crianças esperando por nós encontramos quatro vezes mais. Todas elas se encontravam na mesma condição debilitada e doentia. Todas pareciam estar tão subnutridas que a morte as espreitava. Podíamos cuidar de apenas cinqüenta delas, o que significava que a maioria seria privada do cuidado amoroso de que precisava para sobreviver. Durante as horas seguintes tivemos de passar pelo processo incrivelmente cruel de selecionar quais daquelas crianças viveriam e quais morreriam. Tivemos de decidir quais crianças iriam viver em nosso orfanato e quais continuariam a viver nas favelas até que a morte as alcançasse.

Não há como você possa imaginar a dor daquele processo e a agitação emocional que acompanhou as escolhas e as decisões tomadas. Mas fizemos o que tínhamos de fazer, e quando terminamos a tarefa torturante, colocamos as crianças escolhidas no ônibus e as mandamos para o orfanato. O padre que servia à igreja católica naquela favela expressou-nos sua gratidão por fazer o que podíamos e compartilhou

nossa angústia ao termos de mandar embora tantas crianças carentes. Então ele pediu às crianças que haviam ficado que cantassem uma canção para nós a fim de mostrar sua apreciação por termos ajudado as outras. Senti-me retorcer e dilacerar por dentro ao ouvir aquelas crianças, com suas barrigas distendidas pela subnutrição, mantidas em pé por pernas tão emaciadas que eu não sabia como podiam sustentar o peso do corpo. Eu mal podia ouvir enquanto elas cantavam para nós, em sua língua nativa, o conhecido corinho evangélico Deus é tão bom, Deus é tão bom, Deus é tão bom, É tão bom prá mim.

Eu não queria ouvir. Mas elas continuaram a cantar: Ele me ama,

Ele me ama, Ele me ama, É muito bom prá mim.

Algo dentro de mim parecia querer gritar em protesto. Cerrando os dentes, disse comigo mesmo: "Não é verdade! Deus não é bom para elas. Ele não as ama ou então não as deixaria nessa condição. Ele faria algo se as amasse. Ele as livraria dessa fome. Ele curaria suas doenças." Foi então que percebi. Deus realmente as amava. Tinha realmente um plano para livrá-las da fome e da doença. Esse plano era o de levar-lhes amor e ajuda através de gente como eu e você. Seu plano era o de buscar essas crianças através daqueles que estivessem dispostos a sacrificar suas vidas para ajudá-las em nome de Cristo. Elas estavam sofrendo, não porque Deus, não se importasse, mas porque pessoas como nós achamos que podemos ser religiosos sem mostrar-nos sensíveis às necessidades de crianças tão sofredoras.

Se todas as pessoas que expressam sua religiosidade em devoção egocêntrica mudassem e expressassem seu comprometimento a Cristo dando sua riqueza, e mesmo a vida, a serviço dos sofredores, crianças como essas não teriam de ser mandadas embora para a dor e a morte.

Muitas pessoas em nossa sociedade "racional" têm a tendência de fazer do Cristianismo um compromisso com princípios abstratos em vez de fazer dele um compromisso com os outros. Posso lembrar-me de que, quando menino, freqüentei a classe de catecismo na qual me ensinaram que "o fim principal do homem é glorificar a Deus e servi-lo para sempre". Essa afirmação é linda, mas muito freqüentemente deixamos de



compreender como Deus é servido. Existe a tendência de fazermos do amor a Deus nada mais do que uma jornada particular, interior. A meditação é importante. Eu seria a última pessoa a disputar o fato de que Deus nos convida a encontrá-lo através da interiorização e da meditação. Mas a nossa fé cristã precisa mover-se além da meditação.

Acredito que é crucial reconhecermos que o Jesus que habita em nós é, antes de tudo, o Jesus que nos confronta na forma de um vizinho necessitado. É essencial reconhecermos que o Deus que podemos conhecer em contemplação mística escolheu encarnar-se na última e na menor das pessoas sofredoras que nos confrontam dia a dia. Estou absolutamente convencido de que antes de podermos meditar a respeito dele e contemplar-lhe a magnificência, precisamos primeiro encontrá-lo naqueles que nos confrontam com suas necessidades. É nessas pessoas que ele espera para ser descoberto. É nelas que ele espera para ser encontrado. É nelas que ele espera para ser amado. É através delas que aprendemos sobre ele.

Alguns anos atrás eu fazia um trabalho missionário no Haiti e na República Dominicana. Certa tarde, perto da fronteira que separa os dois países, postei-me na beira de uma pista de grama esperando um pequeno avião Piper Club que me levaria de volta à capital. Enquanto eu estava ali, uma mulher dirigiu-se para o meu lado. Nas mãos ela segurava o filhinho. A barriga da criança estava dilatada quatro ou cinco vezes além do tamanho normal devido à subnutrição. Os braços e as pernas do garotinho eram tão raquíticos que pareciam ser nada mais do que ossos cobertos de pele. Era uma criança negra, mas seus cabelos haviam ficado da cor-de-ferrugem, que demonstra falta de proteína. A boca da criança estava aberta e os olhos rolavam para trás de forma que pareciam ser saliências brancas no crânio. O nenê estava sujo e imundo e obviamente à morte. A mulher estendeu o filho para mim e então pôs-se a implorar-me que o levasse.

— Por favor, moço, por favor leve o meu nenê; leve o meu nenê consigo — pediu ela. — Leve o meu nenê para o seu país. Dê comida para o meu nenê. Cuide do meu nenê. Não deixe o meu nenê morrer.

Eu não sabia o que fazer. Não podia levar o filho dela. Havia centenas de nenês como esse nas redondezas. O que eu podia fazer em face de tão esmagador sofrimento? Afastei-a e disse-lhe:

— Não posso ajudá-la. Não posso levar o seu filho. Entende? Não há nada que eu possa fazer!

Ela implorou novamente:

— Moço, não deixe o meu nenê morrer. Por favor, moço, não deixe o meu nenê morrer. Leve o meu nenê. Por favor, leve o meu nenê consigo.

Mais uma vez eu a afastei, mas ela continuou implorando:

— Leve o meu nenê. Não deixe o meu nenê morrer. Por favor, moço, tenha piedade do meu nenê.

Fiquei aliviado quando vi o avião aproximar-se e tocar a beirada da pista de grama. Enquanto ele rolava na minha direção, corri ao seu encontro. Queria afastar-me daquela mulher e de seu nenê. Mas ela veio correndo atrás de mim. Vinha berrando a plenos pulmões:

— Leve o meu nenê! Leve o meu nenê! Não deixe o meu nenê morrer!

Ela estava suplicando histericamente enquanto eu subia no avião e fechava a porta. Antes que o piloto pudesse virar o avião para decolar, ela estava ao nosso lado, esmurrando a fuselagem do avião e berrando para mim:

— Não deixe o meu nenê morrer! Não deixe o meu nenê morrer!

As rotações do motor aumentaram. O piloto soltou os freios do avião e começamos a nos mover para longe da mulher e percorrer a pista. Ela correu ao lado do avião, ainda agarrando o filho horrivelmente emaciado e berrando comigo para que eu levasse a criança. Enfim, o avião elevou-se no ar e ao ganharmos altura, o piloto

inclinou o aparelho de forma que voltamos e passamos voando sobre a pista. Ao fazermos isso, dei uma última olhada à mulher que a essa altura estava imóvel no meio da pista, agarrando o filho. Fomos embora e tentei tirar aquela mulher e o seu nenê da cabeça. Mas não conseguia. Na

metade do caminho de volta à capital percebi. Comecei a ver quem era aquele nenê. Conscientizei-me de quem eu havia deixado para trás naquela pista. O nome daquela criança era Jesus. Não importa o nome que seus pais lhe tivessem dado quando nasceu, eu sabia que seu nome era Jesus. Era Jesus encarnado no corpo enfraquecido, doentio. Era Jesus que me havia sido estendido para ser amado e cuidado. Era Jesus que eu havia barrado da minha vida.

Certo dia, algum dia, o Senhor vai-me dizer: "Tive fome e você não me deu de comer; estive nu e você não me vestiu; estive doente e você não cuidou de mim; fui estrangeiro e você não me hospedou." O capítulo vinte e cinco de Mateus me assegura que o Senhor vai-me dizer isso quando eu estiver diante do seu trono de julgamento. E quando eu perguntar: "Quando o vi com fome e não lhe dei de comer? Quando o vi doente e não cuidei do senhor? Quando o vi estrangeiro e não o hospedei?" Ele me dirá: "Naquela pista na fronteira do Haiti. Pois naquilo que você deixou de fazer ao menor destes pequeninos, deixou de fazê-lo a mim."

É excessivo o número de nós que achamos que ser cristão é simplesmente uma questão de acreditar na coisa certa. É excessivo o número de nós que achamos que se concordarmos intelectualmente com as proposições religiosas certas, faremos parte do reino de Deus. Podemos facilmente iludir-nos com a suposição de que apenas ter a teologia certa nos torna filhos de Deus. Bem, isso não é verdade. A epístola de Tiago nos diz que até mesmo Satanás acredita em todas as coisas certas. Se ter uma teologia ortodoxa torna a pessoa cristã, então Satanás é o melhor cristão de todos. Além disso, Satanás treme ante o reconhecimento de verdades bíblicas. Ele crê em tudo que um cristão evangélico deveria crer. Satanás crê na divindade de Cristo, no nascimento virginal, nos milagres, na ressurreição e na segunda vinda. Sua teologia é completamente ortodoxa. Ele pode citar a Escritura com a maior facilidade. Não obstante, ele permanece alienado de Deus e na maior distância do reino de Deus.

Ser cristão é muito mais do que acreditar nas coisas certas. Ser cristão é dar-se, e tudo aquilo que você tem, àquele em quem você diz crer. É dar-se, sem reservas, ao Jesus que se encarnou nas crianças sofredoras à

espera de que o encontremos nelas e o amemos nelas. A teologia de Satanás pode estar certa, mas ele não ama a Jesus e não está pronto a ministrar às necessidades daquelas pessoas desesperadas em quem o Jesus vivo se encarna em nossos dias.

Nos Estados Unidos há vinte milhões de cães de estimação, e prontamente admito que tenho o melhor de todos. Mas precisamos estar cientes do fato de que desses vinte milhões de cães, 73 por cento estão com excesso de peso. Após dominarmos o riso que resulta de imaginar milhões e milhões de cães andando aos tropeções dentro de confortáveis lares, temos de fazer algumas perguntas muito sérias sobre nós mesmos. Que tipo de povo daria comida demais a animais de estimação enquanto deixa as crianças no Haiti, na Somália e na Etiópia morrerem de fome? Essas crianças estão morrendo de fome, como sabe. Quinhentos milhões de pessoas vão dormir todas as noites sofrendo fome. Todas as noites, cerca de dez mil crianças morrem de subnutrição. E enquanto tudo isso ocorre, há um alto nível de indiferença. Nós, que ficaríamos preocupados se os nossos cães de estimação perdessem uma refeição, ignoramos as agonias dos que nada têm para comer.

Certa noite, fui jantar num restaurante em Port-au-Prince, no Haiti. Sentei-me numa mesa na frente do restaurante, ao lado da janela. Pedi a refeição, que foi servida com presteza. Então, quando estava prestes a mergulhar o garfo na comida, olhei à direita e descobri quatro garotos haitianos parados ali do outro lado da janela. Com os narizes achatados contra o vidro, eles estavam de olhos grudados na minha comida. Nem pareciam me notar. Ao contrário, seus olhos estavam cravados na comida sobre o meu prato. Eram crianças sujas, quase nuas — algumas entre as centenas que vagueiam pelas ruas de Port-au-Prince, sem pertencer a ninguém, e com quem ninguém se importa. Eram as crianças-descartáveis de uma sociedade empobrecida, e provavelmente estariam mortas dentro de alguns anos. (Quase metade das crianças nascidas no Haiti morrem antes dos doze anos de idade.)

Fiquei paralisado em meu mal-estar. Antes que eu pudesse reagir, o garçom viu o meu apuro. Ele voltou depressa à minha mesa e puxou a cortina de enrolar. Em seguida, disse: "Não deixe que eles o perturbem,

senhor. Não deixe que o perturbem. Bom apetite." Como se fosse possível sentir apetite após ter visto aquelas crianças desesperadas! Entretanto, não fazemos, todos nós, o que o garçom fez? Não puxamos a cortina? Não fechamos do lado de fora os famintos do mundo?

Há milhões deles por aí. Milhões de encarnações do Jesus ressurreto, e sofrem de subnutrição e morrem de moléstias às quais não têm forças para resistir. Vivem sem esperança. Vivem sem ajuda. Mas à vista dessas realidades, continuamos a viver nossa vida influente. Tomamos nossas refeições, bebemos nosso leite e comemos nossas sobremesas enquanto, escondidos dos nossos olhos, eles se contorcem em sofrimento desesperado.

A igreja começou a reagir às necessidades dos pobres, mas não na proporção que o Senhor espera. Parece-me que a igreja pode ter-se esquecido do seu propósito e razão de ser. Por exemplo, os líderes da religião institucionalizada gastaram mais de cento e oitenta bilhões de dólares construindo prédios de igrejas em todo o país. Esses prédios são usados, na maior parte, apenas algumas poucas horas por semana e domingo de manhã. Tenho de perguntar se Jesus teria preferido que esses cento e oitenta bilhões de dólares fossem gastos em prédios ou em alimentar as crianças famintas do mundo. Gostaria de saber o que o Senhor tem a dizer a respeito das igrejas que empregam cento e oitenta bilhões de dólares em prédios enquanto as crianças do Haiti e da Etiópia morrem porque as suas necessidades básicas não são supridas. Quase parece absurdo gastar todo esse dinheiro a fim de homenagear alguém que disse: "Não habito em templos feitos por mãos humanas."

Creio que é hora de a igreja acertar as suas prioridades. Nós, membros da igreja, precisamos ser lembrados de que ela não existe para ser servida nem para ser o recipiente de dádivas. Ao contrário, a igreja existe para servir e doar-se aos outros. Assim como Jesus era rico e fez-se pobre por nós, as igrejas ricas do país precisam tornar-se pobres em favor dos que sofrem. Precisamos aprender que o melhor que podemos dar a Jesus é viver para servir o menor de nossos irmãos e irmãs, e dar a nossa riqueza para satisfazer as suas necessidades.

Deveria ser óbvio para nós que o dinheiro que damos à igreja institucional é, na maior parte, dinheiro que damos a nós mesmos. Compramos bancos e almofadas nos quais nos sentamos. Compramos janelas de vitrais a fim de lhes apreciarmos a cor. Adquirimos órgãos e compramos togas para o coro a fim de gozar a música apresentada com dignidade. E pagamos um ministro a fim de sermos nós mesmos alimentados espiritualmente.

A maior parte do dinheiro que damos a causas cristãs acaba sendo usada em nosso próprio benefício. Há sempre quem diga: "Temos de cuidar de nós mesmos ou não podemos cuidar de mais ninguém. Temos de suprir nossas próprias necessidades antes de podermos considerar as necessidades de qualquer outra pessoa."

Existe certo grau de verdade e lógica nessas afirmações, mas quero salientar que, segundo as palavras de Jesus, apenas encontrará a vida quem estiver disposto a perdê-la, e apenas viverá quem estiver disposto a morrer. Estou absolutamente convencido de que a afirmação de Jesus não se aplica somente a indivíduos, mas ao corpo de Cristo também. Somente se encontrará a si própria a igreja que estiver disposta a perder-se. Somente será capaz de viver a igreja que estiver disposta a morrer. Somente a igreja que der seus recursos aos pobres e oprimidos sobreviverá.

Soren Kierkegaard, o filósofo-teólogo dinamarquês, descreveu certa vez como ele foi a uma grande catedral em Copenhague e sentou-se num lugar almofadado e observou a luz do sol jorrando através do vitral de uma janela. Ele viu o pastor, trajando uma toga de veludo, tomar o lugar atrás de um púlpito de mogno, abrir uma Bíblia dourada, marcá-la com um marcador de seda e ler: "Disse Jesus: Quem quiser ser meu discípulo, deve negar a si mesmo, vender tudo o que tem e dar aos pobres, tomar a sua cruz e seguir-me." Disse Kierkegaard: "Olhei ao redor do aposento e me espantei de ninguém estar rindo." Kierkegaard tentava nos mostrar o ridículo de uma instituição religiosa que gasta seus recursos em si mesma e ao mesmo tempo alega seguir a Jesus, que estava mais interessado nos pobres do que em construções feitas de pedra e argamassa.

Uma das minhas histórias favoritas é a do homem que excursiona numa refinaria. O guia da excursão mostra-

lhe diversos aspectos do processo de refinação e os vários departamentos nos quais esses processos são executados. No final da excursão o homem faz ao guia uma pergunta simples.

— Onde fica o departamento de embarque?

O guia responde:

— Departamento de embarque? Que departamento de embarque?

O homem responde:

— Estou procurando o lugar onde todos os produtos de gasolina e óleo desta usina são embarcados para serem usados no mundo lá fora.

— Oh! — exclama o guia — você não entende? Toda a energia gerada nesta refinaria é usada para manter a refinaria funcionando.

Essa história é boa parábola da igreja, pois às vezes tenho a impressão de que a maior parte da riqueza e energia geradas pela igreja se destina a manter a igreja funcionando, em vez de ser usada para ministrar às necessidades daqueles dentro de quem o Cristo ressurreto escolheu encarnar-se. A Bíblia ensina que Deus se identifica com os pobres e oprimidos, e que quem amar a Deus precisa amá-los. Se você pensa que tornei muito difícil para os ricos a entrada deles no reino dos céus, e quase impossível considerar cristãs as igrejas que gastam quantias desproporcionais de dinheiro em seus programas e prédios, precisa lembrar-se de que não fui o primeiro a dizer que é mais difícil um rico entrar no reino dos céus do que um camelo passar pelo fundo de uma agulha (Marcos 10:25).

Quando Jesus nos salvou, salvou-nos para um propósito santo e elevado. Salvou-nos a fim de usar-nos para satisfazer as necessidades dos outros. Salvou-nos a fim de poder começar a transformar seu mundo no tipo de mundo que desejava que fosse quando o criou. Quando ele nos salvou, salvou-nos a fim de que fôssemos condutos através dos quais seu amor fluísse às vidas sofredoras do mundo. Quando Jesus nos salvou,

salvou-nos para sermos agentes de uma grande revolução, cujo fim chegará quando os reinos deste mundo se tornarem o Reino do nosso Deus.

Quando percebermos qual o propósito da nossa salvação, quando compreendermos por que Jesus nos salvou, saberemos qual é o nosso propósito na vida. Já não haverá dúvidas a respeito do que deveríamos ser ou realizar. Através de Cristo há um propósito para a vida.

Não me envergonho do evangelho de Cristo porque é um evangelho através do qual a minha necessidade de propósito para a vida é claramente revelada.



## **CAPÍTULO SETE**

### **Jesus Satisfaz a Nossa Necessidade de Esperança**

Não me envergonho do Evangelho de Cristo, porque ele é superior às mensagens e ensinamentos de todas as outras grandes religiões do mundo. Outras religiões possuem elevados ensinamentos éticos, seguidores intensamente dedicados e rituais magníficos de culto. Contudo, somente Jesus oferece ao mundo o tipo de esperança que pode gerar o espírito de otimismo essencial a uma vida feliz. Somente o Cristianismo delinea com clareza um curso para a história humana que termina no glorioso triunfo do bem sobre o mal.

Quem segue a religião do zoroastrismo crê que a história é uma luta entre as forças da luz e as forças das trevas, mas os seguidores de Zoroastro não têm garantia de qual das duas forças vencerá no final. O budismo ensina que este mundo nada mais é do que um infundável ciclo de sofrimentos, e os seguidores de Buda podem apenas esperar o Nirvana que se encontra fora da esfera da história, no qual todo o consciente se perde e a identidade pessoal é abolida. O hinduísmo ensina que o mundo no qual vivemos é basicamente irreal e que mais cedo ou mais tarde este mundo e tudo que nele existe retornará ao Brama de onde veio, sem deixar traço algum de que jamais estivemos aqui e assegurando-nos que a história não tem importância.

Somente a mensagem bíblica nos dá firme garantia de que a história da humanidade não é um conto narrado por um idiota, mas sim o desenrolar proposital por Deus de um grande plano que terminará quando ele estabelecer seu reino na terra assim como no céu.

Muitos perguntam como posso permanecer tão otimista a respeito do futuro da história humana à luz das circunstâncias contemporâneas do mundo. Entre meus colegas no campo da ciência social há grande número de profetas da destruição final:

\* Há demógrafos a evidenciar que o crescimento exponencial da população mundial em breve colocará tal pressão sobre os recursos e alimentos disponíveis em nosso planeta que reduzirá toda a existência

humana ao nível da mais básica subsistência, se deveras a humanidade chegar a sobreviver.

\* Há ecologistas que nos mostram estarmos poluindo a atmosfera num ritmo tal que estamos destruindo a camada de ozônio que filtra os raios perigosos causadores de câncer, e que é apenas questão de tempo antes de doses maciças de luz infravermelha e ultravioleta tornarem impossível a sobrevivência física. Esses ecologistas ainda nos previnem sobre estarmos poluindo os oceanos a um ritmo tal que estamos destruindo o plâncton necessário não apenas ao sustento de certas formas de vida marinha, mas essencial à produção do oxigênio que os seres humanos precisam respirar.

\* Há cientistas políticos afirmando que a escalada da corrida armamentista provocará a extinção certa da civilização mediante um inevitável holocausto nuclear.

\* E há os criminologistas que predizem o completo colapso da lei e da ordem no mundo ocidental, reduzindo os seres humanos ao barbarismo na pior das hipóteses e a outra era de obscurantismo na melhor delas.

Em face de todas essas predições, ainda prego as Boas Novas de que o Reino de Deus virá. O mundo não será destruído por superpopulação, desastre ecológico, holocausto nuclear, colapso da lei e da ordem ou por quaisquer outros desastres tão despreocupadamente sugeridos através da mídia. Nós, cristãos, somos os proclamadores das Boas Novas de Deus em face de todas essas más notícias. Somos os que estão absolutamente convencidos de que, embora toda a criação gema e esteja suportando angústias até o presente momento, a salvação ocorrerá e Deus preservará a sua criação e a aperfeiçoará gloriosamente para a sua glória (Romanos 8:21-28). O mundo não acabará numa explosão, como sugerem alguns, nem com um gemido, como sugeriu T. S. Eliot, o famoso poeta inglês. Apocalipse 11:15 nos diz ser esta a forma como o mundo acabará: "O reino do mundo (se tornará) de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos". Aleluia! Aleluia!

Oscar Cullmann, um dos mais importantes teólogos pós-guerra, ilustrou como colocar o futuro da história na perspectiva bíblica.

Baseando-se em suas experiências da Segunda Guerra Mundial, Cullmann nos relembra da importância do dia-D e do dia-V. Aqueles de nós que estávamos por aqui na década de 1940 nos lembramos do dia-D, aquele dia crucial no qual as Forças Aliadas cruzaram o canal da Mancha e desembarcaram nas praias da Normandia. O exército nazista se dispôs ao longo da cabeça de ponte francesa e tentou obrigar as Forças Aliadas a voltarem ao mar. Os nazistas sabiam que o lado que fosse vitorioso aquele dia acabaria ganhando a guerra. Os Aliados estavam convencidos de que o destino da Europa e talvez do mundo fosse determinado pelo que ocorresse nas primeiras vinte e quatro horas daquela batalha.

Todo estudante de história sabe que os Aliados prevaleceram e estabeleceram uma cabeça de ponte da qual partiram para retomar a Europa do domínio nazista. Entretanto, muitos, muitos meses de lutas e derramamento de sangue se seguiriam ao dia-D antes que a vitória final se tornasse realidade. As lutas dolorosas que se seguiram à grande vitória nas praias da Normandia custaram a vida de milhões de pessoas. Houve mais bombardeamento e devastação após o dia-D do que ocorrera antes dele. Contudo, do dia-D em diante, nunca houve dúvida alguma na mente de ninguém de que a vitória pertenceria aos Aliados. Foi por esse motivo que, depois do dia-D, o general Rommel associou-se ao complô para assassinar Hitler. Ele sabia que a guerra fora perdida no dia-D, e que era apenas questão de tempo antes que todo o Terceiro Reich ruísse.

Os Aliados lutaram e experimentaram numerosos reveses, sendo o mais horrendo deles a batalha do Bulge. Mas nunca perderam de vista o fato de que a vitória seria sua. Em seus momentos de maior abatimento, estavam cientes de que era apenas uma questão de tempo até que o inimigo tivesse de desistir. A batalha decisiva travada no dia-D capacitava-os a esperar com uma esperança que transcende o anelo infundado, mesmo no meio da mais desesperada das condições. Eles sempre souberam que o dia-V, dia da vitória, chegaria.

Cullmann demonstra que nós, cristãos, precisamos reconhecer que também estamos vivendo entre o dia-D e o dia-V. O dia-D de Deus foi há dois mil anos, no Calvário. Ali o Deus que havia invadido através de seu Filho Jesus Cristo a sua criação perdida, confrontou os poderes medonhos

das trevas na batalha mais crucial da história cósmica. Quando aquela terrível sexta-feira ter minou, parecia que as hostes demoníacas haviam triunfado e que o Príncipe da Glória, jazendo num sepulcro emprestado e fechado, estava derrotado. Mas isso foi na sexta-feira. Três dias depois Jesus removeu a pedra e tornou-se Christus Victor. Ele havia reduzido os poderes das trevas a nada!

Embora a batalha decisiva tenha sido travada e vencida no dia-D de Deus, é preciso reconhecer que o seu dia-V ainda não chegou. Seu dia-V é aquele no qual a trombeta soará e a vitória final será declarada. Seu dia-V é aquele no qual Satanás será atado e lançado no lago de fogo. Seu dia-V é aquele no qual o Senhor voltará e se tornará o reconhecido Rei de sua criação. Jesus reinará em todo o lugar que o sol percorre em suas jornadas sucessivas. Ele porá todos os inimigos debaixo dos seus pés, e no final todo o joelho se dobrará e toda a língua o confessará como Senhor de tudo.

Deus já começou a criar o mundo perfeito que ele estabelecerá quando Jesus voltar. Ele já começou a criá-lo em nós e através de nós, aqui e agora. Somos o povo através do qual ele deseja travar a sua revolução, e nos assegura de que a boa obra que ele inicia em nós chegará ao resultado final quando ele voltar na glória. Em nós ele começou um movimento através do qual vai eliminar a pobreza, vencer o racismo, destruir a discriminação sexual, e estabelecer uma ordem social nova e justa. O Reino já está brotando em nosso meio. Somos as primícias do que virá a ser.

Há aqueles que não crerão nessas incríveis Boas Novas e portanto ficarão cinicamente para trás nesta emocionante conjuntura da aventura humana. Eles zombam de nós e dizem: "Quem vocês estão enganando? O mundo sempre será uma bagunça. Não se pode mudar as coisas. Não há esperança para este mundo." A esses cínicos pseudo-sofisticados, respondo: "Estive lendo a Bíblia.

Dei uma olhadinha no último capítulo para ver como ela termina — Jesus vence!!!"

Sou membro de uma igreja negra na parte oeste da Filadélfia. Fui membro dessa igreja por décadas, e para mim a igreja batista de Monte Carmel é a coisa que mais se aproxima do céu do lado de cá dos portais de pérola. Prego a uma porção de congregações, mas tenho de dizer que nenhum outro grupo de pessoas me deixa tão entusiasmado quanto a congregação da minha igreja. As pessoas da minha congregação sempre me fazem saber como me estou saindo. Quer eu esteja me saindo bem ou mal, elas me fazem saber o que sentem com relação à mensagem.

Certa vez, quando eu pregava, senti que nada acontecia. Não parecia haver movimento algum do dinamismo de Deus. Eu me esforçava, da forma como você vê ministros se esforçarem, e parecia não ir a parte alguma. Eu já havia passado por três quartas partes do sermão quando uma senhora na última fila gritou: "Ajude-o, Jesus! Ajude-o, Jesus!" Essa era toda a evidência de que as coisas não iam bem aquele dia.

Por outro lado, quando o pregador está realmente se saindo bem na minha igreja, a congregação lhe faz saber. Os diáconos sentam-se bem debaixo do púlpito, e sempre que o pregador diz algo especialmente bom, eles o animam, gritando: "Pregue, irmão! Pregue, irmão! Pregue, homem, pregue!" E quero dizer-lhes que, quando eles fazem isso comigo, fazem-me querer pregar!

As mulheres da minha igreja têm um jeito especial de reagir quando o pregador está-se "saindo bem". Geralmente abanam uma das mãos no ar e gritam para o pregador: "Bem, bem." Toda a vez que fazem isso comigo, meus hormônios borbulham.

Mas isso não é tudo. Quando realmente estou deslançando, os homens da minha congregação gritam encorajamento, dizendo: "Vá em frente, irmão! Vá em frente! Vá em frente!" Garanto-lhes que o pregador nunca consegue esse tipo de reação numa congregação branca. Os brancos nunca berram: "Vá em frente! Vá em frente!" Os ouvintes brancos têm mais a tendência de olhar o relógio e murmurar: "Pare! Pare!"

Certa Sexta-Feira Santa, havia sete de nós pregando, um após o outro. Quando chegou a minha vez de pregar, engatei uma quinta, e tenho de admitir, fui bom. Quanto mais eu pregava, mais as pessoas na

congregação reagiam, e quanto mais elas reagiam, melhor eu ficava. Fui ficando melhor e melhor e melhor. Fiquei tão bom que eu queria tomar nota de mim! No final da minha mensagem, a congregação explodiu. Fiquei absolutamente emocionado ao ouvir os aleluias e os brados de alegria que explodiram por todo o recinto. Sentei-me ao lado do meu pastor e ele me olhou com um sorriso. Estendendo a mão, ele me deu um apertão no joelho.

— Saiu-se muito bem, mocinho! — disse ele. (Tenho de admitir que detesto quando ele me chama de "mocinho"!)

Voltei-me para ele e perguntei:

— Pastor, vai conseguir pregar melhor que isso?

O idoso senhor sorriu para mim e disse:

— Filho, fique sentado aí, porque este velho vai acabar com você!

Não pensei que alguém pudesse acabar comigo naquele dia. Eu tinha sido tão bom. . . Mas o velho levantou-se, e tenho de admitir, acabou comigo. O que espantou foi o fato de tê-lo feito usando uma frase. Por uma hora e meia ele pregou uma frase vez após vez. Por uma hora e meia ele eletrizou aquela platéia com apenas uma frase. Essa frase foi: "É sexta-feira, mas o domingo vem aí!" Essa afirmação pode não arrebatá-lo, mas você devia ter ouvido o que ele fez com ela. Ele começou o sermão bem baixinho, dizendo: "Era sexta-feira; era sexta-feira e meu Jesus estava morto naquele lenho. Mas isso foi na sexta- feira, mas o domingo vem aí!"

Um dos diáconos berrou: "Pregue, irmão! Pregue!" Era só desse encorajamento que ele precisava. Sua voz estava mais alta quando ele disse: "Era sexta-feira e Maria chorava de dar pena. Os discípulos corriam por todos os lados, como ovelhas sem pastor, mas isso foi na sexta-feira, mas o domingo vem aí!" O pessoal da congregação começava a captar a mensagem. As mulheres abanavam as mãos no ar, murmurando: "Bem, bem". Alguns dos homens berravam: "Continue! Continue!"

O pregador continuou. Ele elevou o volume mais ainda e gritou: "Era sexta-feira. Os cínicos estavam olhando para o mundo e dizendo: 'Será

tudo como sempre foi. Não se pode mudar nada neste mundo; não se pode mudar nada.' Mas aqueles cínicos não sabiam que era apenas sexta-feira. O domingo vem aí!

"Era sexta-feira! E na sexta-feira dominavam aquelas forças que oprimem os pobres e os fazem sofrer. Mas isso foi na sexta-feira! O domingo vem aí!

"Era sexta-feira, e na sexta-feira Pilatos achou que havia lavado as mãos de uma porção de encrencas. Os fariseus estavam-se pavoneando por ali, rindo e dando cotoveladas uns nos outros. Acharam que haviam voltado a controlar as coisas, mas não sabiam que era apenas sexta-feira! O domingo vem aí!"

Ele continuou a martelar aquela frase por meia hora, depois uma hora, depois uma hora e quinze minutos, depois uma hora e meia. Vez após vez, ele investia contra nós: "É sexta-feira, mas o domingo vem aí! É sexta-feira, mas o domingo vem aí! É sexta-feira, mas o domingo vem aí!"

Quando ele chegou ao fim da mensagem, eu estava exausto. Ele havia feito com que eu e todos os demais

ficássemos tão agitados que não acho que nenhum de nós poderia ter agüentado muito mais. No final da mensagem, ele simplesmente berrou a plenos pulmões: "É SEXTA-FEIRA!" e todos os quinhentos de nós naquela igreja berramos de volta em uníssono: "MAS O DOMINGO VEM AÍ!"

Essas são as Boas Novas. Essa é a palavra que o mundo está esperando para ouvir. É isso o que temos para ir lá fora e contar às pessoas do mundo. Quando elas estiverem psicologicamente deprimidas, temos de contar-lhes que o domingo vem aí. Quando elas acharem que jamais poderão conhecer o amor novamente, temos de contar-lhes que o domingo vem aí. Quando tiverem deixado de acreditar no milagroso, de modo que já não esperam grandes coisas da parte de Deus, precisamos contar-lhes que o domingo vem aí.

Precisamos ir ao mundo que sofre injustiça econômica e opressão política e contar-lhe que o domingo vem aí. O mundo pode estar cheio de cinco bilhões de famintos. Metade do planeta pode estar debaixo da

tirania do domínio comunista. Os ditadores podem governar na América Latina; as pessoas podem ver seus direitos reduzidos e suas esperanças sob ataque. Mas não me envergonho do evangelho de Cristo, porque a todos os que estão à beira do desespero, posso berrar a plenos pulmões: "É SEXTA-FEIRA, MAS O DOMINGO VEM AÍ!"